



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
BACHARELADO EM TURISMO**

**ALINE KARINA DE ARAÚJO DIAS**

**TRILHA TURÍSTICA: MEMÓRIA DE UM CASAL PIONEIRO DE UMA  
OLARIA ARTESANAL DE SÃO SEBASTIÃO NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA**

**BRASÍLIA  
2017**

**ALINE KARINA DE ARAÚJO DIAS**

**TRILHA TURÍSTICA: MEMÓRIA DE UM CASAL PIONEIRO DE UMA  
OLARIA ARTESANAL DE SÃO SEBASTIÃO NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Centro de Excelência em  
Turismo da Universidade de Brasília como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Turismo.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lana Magaly Pires

**BRASÍLIA  
2017**

Dias, Aline Karina de Araújo.

Trilha turística: memória de um casal pioneiro de uma olaria artesanal de São Sebastião na construção de Brasília / Aline Karina de Araújo Dias – Brasília, Unb, 2017.

59 p.

Monografia (graduação) - Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo, 2015.

Orientador: Profa. Dra. Lana Magaly Pires

1. São Sebastião. 2. Memória. 3. Turismo. 4. Cidadania. 5. Tijolos. 6. Construção. 7. Brasília.

**ALINE KARINA DE ARAÚJO DIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo.

**TRILHA TURÍSTICA: MEMÓRIA DE UM CASAL PIONEIRO DE UMA OLARIA ARTESANAL DE SÃO SEBASTIÃO NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA**

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Lana Magaly Pires – Orientadora

---

Prof. Me. Vitor João Ramos Alves – Membro Interno

---

Profa. Ma. Luciana Resende Borges – Membro Interno

**Brasília, 13 de dezembro de 2017.**

## **AGRADECIMENTOS**

AO DEUS do impossível que não desistiu de mim e ao amor de Jesus Cristo que está unindo a minha .

Às duas guerreiras, Luana Pires e minha orientadora Doutora Lana Magaly Pires; à cidade de São Sebastião-DF, que me fez crêr que uma cidade pode ser acolhedora tanto quanto uma família. Agradeço a todas as dificuldades que me fizeram crêr que Deus sempre esteve comigo, mesmo não querendo ouvi-lo quando ele me chamava.

Agradeço pelos amigos e colegas que fiz na Universidade de Brasília, especialmente Diogo Diniz, um grande guerreiro, e Denner Aguiar, que tem uma trajetória um pouco semelhante à minha. Agradeço também a todos os meus amigos e colegas da turma do primeiro semestre de 2013, alguns destes integrantes do grupo do whatsapp “Bebo Sim”, que me possibilitou dar várias gargalhas durante a madrugada. Creio eu que é a melhor turma do Centro de Excelência de Turismo. Através das vivências que tive com eles pude entender quem sou eu e o meu propósito dentro da Universidade de Brasília, que me levou a ser a presidente do Centro Acadêmico em Turismo (Catur), naquele momento, e possibilitou conhecer o movimento estudantil da Universidade, o qual me trouxe um entendimento sobre “não lugar”, porém, é um local necessário para conseguir o “mérito” de que eles tanto falam.

Agradeço por todos os lugares pelos quais passei, e às experiências que tive, das quais desejei filtrar as boas energias para que eu pudesse seguir o meu caminho, sempre na fé. Agradeço ao Edmilson Faria Rodrigues, que acreditou no meu sonho e pode me auxiliar no caminho para a minha entrada na Universidade; agradeço ao Rodrigo Amorim Ferreira, meu atual companheiro, que entendeu o quanto a universidade pode ser um mal ou um bem necessário.

Agradeço pelos conselhos de Jorge Tadeu de Andrade, uma personalidade especial que meu deu os melhores conselhos em uma fase difícil da minha vida. Agradeço também às “Xapirocas”, as minhas grandes amigas: Marcela Botelho, Mayara Dutra e Talita Medeiros que me acompanham desde a época do Marista e puderem acompanhar de perto o meu processo evolutivo; agradeço às “Bandidas”; um grupo de grandes amigas que fiz em São Sebastião, que me alegrou, e com o qual compartilhei as melhores vivências na cidade; ao projeto “Sebas Turística” e

aos amigos moradores de São Sebastião que creem na proposta de São Sebastião torna-se “turística”.

Agradeço a todas as pessoas que foram importantes na minha vida, as quais infelizmente não tem como lembrar. O meu caminho ainda está sendo trilhado com Deus na frente e Jesus Cristo no meu coração, respeitando os Deuses que fazem parte da nossa linda cultura “afropindorâmica”.

*A gente sempre deve sair à rua como quem  
foge de casa  
Como se estivessem abertos diante de nós  
todos os caminhos do mundo  
Não importa que os compromissos, as  
obrigações, estejam ali  
Chegamos de muito longe, de alma aberta e o  
coração cantando!*

(Mário Quitana)

## RESUMO

A construção de Brasília é marcada pela disseminação de símbolos repetidos que valorizam alguns sujeitos que participaram do processo da construção da capital e em contrapartida invisibiliza outros sujeitos que tiveram um papel fundamental para base da estruturação de Brasília. Assim, a pesquisa propõe resgatar as memórias dos pioneiros que vieram de diversas partes do país e foram “tijolos” para a consolidação da Capital, reconhecendo o Turismo como uma ferramenta agregadora de cidadania e possibilitadora de encontros através do projeto “Sebas Turística” e as técnicas de história oral de vida como uma abordagem qualitativa através das “Tramas de Trilhas”. O trabalho se preocupou em valorizar as vozes de dois desses pioneiros: o casal de oleiros Dona Leontina Caldeira Soares e Seu Antônio Soares Ferreira, moradores de São Sebastião desde de 1955. A voz da mulher negra também é valorizada nesse processo. A região administrativa foi responsável por produzir 90% dos tijolos de Brasília, mas as fontes oficiais ocultam as histórias e memórias, sufocando-as. Por isso, é necessário dar voz àqueles que sentiram na pele esse processo. Desta forma, o presente trabalho é resultado de análises documentais e entrevistas, que levantam aspectos importantes sobre a história de São Sebastião.

**Palavras-chave:** São Sebastião; Distrito Federal; Memória; Turismo; Negra; Cidadania; Tijolos; Construção; Brasília.



## **ABSTRACT**

The construction of Brasília is marked by the dissemination of repeated symbols that value some subjects who participate in the process of construction of the capital and, in return, it makes invisible other subjects who have a fundamental role to base a structuring of the capital, so the research proposes to redeem as memories of the pioneers who came from different parts of the country and many "bricks" for a consolidation of the Capital, recognizing Tourism as an aggregate tool of citizenship and facilitator of meetings through the "Sebas Turística" project and as oral history techniques of life as A qualitative indulgence, the work was concerned with valuing the voices of the couple of potters Dona Leontina Caldeira Soares and Antônio Soares Ferreira, residents of São Sebastião, a city that is responsible for producing 90% of the bricks of Brasilia and the process of erasing stories and memories stifled by hegemonic history is necessary give voice to those who have felt this process, so the present work and result analyzes documents and interviews, which raise important aspects about the erasure of the history of São Sebastião by hegemonic sources

**Keywords:** São Sebastião; Distrito Federal; Memory; Tourism; Citizenship; Bricks; Construction; Brasília.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa das terras remanescentes das Fazendas Taboquinha, Fazenda Papuda e Fazenda Santa Bárbara em 1919 .....	15
Figura 2 - Mapa de caminhamento das turmas encarregadas da definição dos vértices do quadrilátero do Distrito Federa.....	16
Figura 3 - Projeto Memórias Oleiras – Mapeamento de 100 olarias e cerâmicas de São Sebastião – DF .....	17
Figura 4 - Sede da Fazenda Papuda .....	19
Figura 5 - Morro da Cruz (2017).....	20
Figura 6 - Olaria da Novacap. São Sebastião (1960).....	21
Figura 7 - Cerâmica Nacional.....	22
Figura 8 - Tião Areia amassando o barro para a manufatura do tijolo artesanal .....	24
Figura 9 - Mobilização comunitária por melhores condições para a cidade, em 21/01/1993 .....	25
Figura 10 - Logo Sebas Turística .....	30
Figura 11 - Mapeamento das Potencialidades Turísticas de São Sebastião .....	31
Figura 12 - Leontina Caldeira Soares e Antônio Soares Ferreira.....	39
Figura 13 - Caminhão leva operários para construir a futura capital, 1958 .....	42
Figura 14 - Resquícios da escravidão no DF, passando por Luziânia, onde a área da Papuda se situou.....	43
Figura 15 - Olaria Vereda – Donizete, filho de Dona Leontina e Seu Antônio, amassando o barro .....	44
Figura 16 - Cerâmica Nacional – Vila do Boa.....	45
Figura 17 - Mercado do Núcleo Bandeirante – Na época, o prédio era de madeira e o único mercado onde os pioneiros faziam suas compras.....	48
Figura 18 - Karlinha Ramalho passeando pela agulhada, um bairro de São Sebastião, onde que a ruralidade ainda é presente e a plantação dos eucaliptos se faz evidente .....	52
Figura 19 - Jornada de Aprendizagem com Tião Areia na praça que existe no bairro centro em sua homenagem.....	53

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 SÃO SEBASTIÃO-TIJOLO POR TIJOLO</b> .....	15
1.1 FAZENDA PAPUDA E ESCRAVIDÃO EM SÃO SEBASTIÃO .....	18
1.2 DE AGROVILA À SÃO SEBASTIÃO .....	21
1.3 HISTÓRICO DE LUTAS DE SÃO SEBASTIÃO .....	24
1.4 SÃO SEBASTIÃO HOJE .....	25
<b>2 TURISMO CIDADÃO – LUGARES DE MEMÓRIA</b> .....	27
2.1 SEBAS TURÍSTICA.....	29
2.2 AÇÕES SEBAS TURÍSTICA .....	31
<b>3 TRILHAS METODOLÓGICAS DO BARRO</b> .....	32
3.1 TÉCNICAS QUALITATIVAS .....	32
3.2 TÉCNICA DA HISTÓRIA ORAL DE VIDA.....	38
<b>4 EXPOSIÇÃO DAS NARRATIVAS DO CASAL OLEIROS</b> .....	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	55
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	58

## INTRODUÇÃO

Este trabalho começa pelo lugar onde moro. Conheci São Sebastião na época em que se chamava “Agrovila São Sebastião”. Naquele tempo, vinha para essa cidade visitar o meu Tio Canindé e sua esposa Sônia Silva, que moravam no bairro Bosque<sup>1</sup>. É uma das melhores lembranças enquanto criança, era uma alegria imensa vir para cá. Seu aspecto rural, paisagístico e os banhos de tambor ficaram gravados na minha memória. Morava com os meus pais em Taguatinga e, para mim, era uma “aventura turística”, porque atravessávamos Taguatinga – Estrutural – Vicente Pires – Cruzeiro – Lago Sul – Jardim Botânico até, enfim, chegar a São Sebastião. Desde pequena, já percebia a diferença destas cidades e ficava impressionada com essa longa viagem. Quando crescida, em 2009, o único local que consegui emprego na época foi em uma escola de inglês em São Sebastião para trabalhar como vendedora de pacotes de inglês e, logo, percebi que São Sebastião seria a cidade para o meu refúgio, pois acredito que uma cidade pode ser acolhedora tanto quanto uma família. Em 2013, quando passei na Universidade de Brasília, entendi a importância histórica de São Sebastião e minha paixão pela cidade aumentou. Isto me levou a pensar: por que não falar deste espaço? Muitas vezes estigmatizado por doenças, como o caso da Hantavirose<sup>2</sup> (que alarmou o Brasil e fez da imagem do lugar um espaço proibido). Esse fato desencadeou a mobilização popular a limpar a região e construir a maior horta comunitária do Distrito Federal (DF), a Horta Girassol, estando a apenas 40 minutos da capital do país e permeada de memórias dos guardiões que ainda estão no local. São Sebastião me encanta pelo histórico de lutas de um povo que foi tijolo para a construção de Brasília. Eu apenas ouvia falar dos sujeitos desta história pela sua principal atividade, as olarias, que utilizando o solo de São Sebastião construíram Brasília, a “Capital da Esperança”. Este é o objetivo geral desta pesquisa: resgatar as memórias de um casal pioneiro de uma olaria artesanal de São Sebastião na construção de Brasília, DF.

---

1 Bairro Bosque: Um dos melhores bairros de São Sebastião no aspecto ambiental. Local do evento tradicional na cidade “Domingo no Parque”, no Parque Ambiental do Bosque.

2 Hantavirose: é uma enfermidade aguda, de distribuição universal, provocada por diferentes sorotipos de *Hantavirus* eliminados nas fezes, urina e saliva de roedores silvestres. Em 2004, a doença matou quatro pessoas na Região Administrativa de São Sebastião, no Distrito Federal.

A cidade, inicialmente, teve o seu desenvolvimento e trajetória ligada à exploração do solo, a parcelamentos clandestinos voltados às classes média-baixa e baixa, remanescentes ainda da ocupação espontânea motivada pela oferta de comércio de areia, assim como pela exploração das olarias e cerâmicas, que supria parte da demanda existente na época da construção de Brasília.

Neste contexto, é importante ressaltar as narrativas dos moradores pioneiros de São Sebastião no período das olarias. Estudar as olarias como lugar de memória na possibilidade da construção de uma trilha turística que nos leva a conhecer as narrativas dos guardiões de memória de São Sebastião, e nesse processo o Turismo é um fenômeno construtor e agregador de cidadania através de perspectivas centradas nos sujeitos, de acordo com Marutschka Moesch e Susana Gastal (2007). Uma das facetas dessa cidadania é a nova perspectiva da construção do sujeito histórico, através dos guardiões de memórias que atuaram no processo da construção de Brasília. O estudo da memória permite a construção da cidadania que evidencia outras perspectivas identitárias centradas nos sujeitos.

A cidadania, se associada ao turismo, encaminharia outras possibilidades de construção do sujeito histórico, aquele em condições de se expressar e de se apropriar das suas circunstâncias espaciais e temporais, seja como sujeito histórico urbano, seja como sujeito histórico planetário. A contribuição do Turismo viria na contramão dos meios de comunicação que levam a um encolhimento da esfera pública, permitindo justamente que as pessoas voltem a frequentá-la, reaprendendo a ali exercitar sua voz (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 56).

O Turismo nesse processo seria um agregador de cidadania, através da construção do sujeito histórico com suas memórias e vivências, por meio das práticas turísticas, tendo como consequência a criação do sentimento de pertencimento. De acordo com Maurice Halbwachs (2004), os indivíduos do grupo são os portadores da memória e são eles que a manifestam. A continuidade entre passado e o presente é assegurada por intermédio dos próprios indivíduos. São eles que servem de ligação temporal. Para que a transmissão aconteça é, todavia, necessário que ela seja executada, ou seja, enunciada pela verbalização, ou por meio de uma prática, que no caso deste projeto será a prática turística, através do

“Sebas Turística”<sup>3</sup>, que nos leva ao caminho da trilha turística para conhecer a memória do casal de oleiros.

Ao reconstruir a memória de um território que se constituiu no processo de segregação espacial, imposto pela construção da capital e ao consolidar a opressão e o apagamento de inúmeras histórias da capital, que fizeram parte da dinâmica da construção de Brasília, buscar-se-á resgatar através da construção de uma trilha turística, lugares de memória e seus sujeitos históricos. Porém, entende-se, que em qualquer situação, há a necessidade de identificação/reconstrução de outras perspectivas de estudo centradas nos moradores de São Sebastião, em suas memórias e vivências e além disso enaltecendo a voz da mulher negra, que ainda se constitui em uma memória subterrânea.

São Sebastião, dentre as Regiões Administrativas (RA) Distrito Federal, destaca-se por dois pontos relevantes: a sua importância na construção de Brasília e os poucos estudos e registros históricos da sua gênese.

Os motivos da escolha dessa RA como tema deste trabalho foram o seu potencial turístico e histórico e os operários que ali habitam, responsáveis pela força de trabalho que produziu “90% dos tijolos da construção de Brasília” (ARAÚJO, 2009, p. 31).

Esse trabalho tem as seguintes perguntas norteadoras: A região administrativa de São Sebastião dispõe de elementos culturais, históricos e sociais em suas raízes que favorecem uma análise da história e das memórias da população operária das olarias e cerâmicas? A Região Administrativa tem potencial para a construção de uma trilha turística?

#### OBJETIVO GERAL:

Reconstrução das memórias de um casal pioneiro de uma olaria artesanal de São Sebastião na construção de Brasília.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1) Identificar elementos históricos, culturais e sociais de São Sebastião;
- 2) Reconstruir as memórias do casal guardião de memória da olaria artesanal;

---

<sup>3</sup> Projeto Turístico da Cidade idealizado por Aline Karina de Araújo Dias, a qual fez o mapeamento da cidade, identificando mais de 100 pontos que são potencialidades turísticas no âmbito cultural, social, gastronômico, de espaços de lazer, ambiental, entre outros.

3) Analisar e interpretar os fragmentos das memórias para a construção da trilha turística;

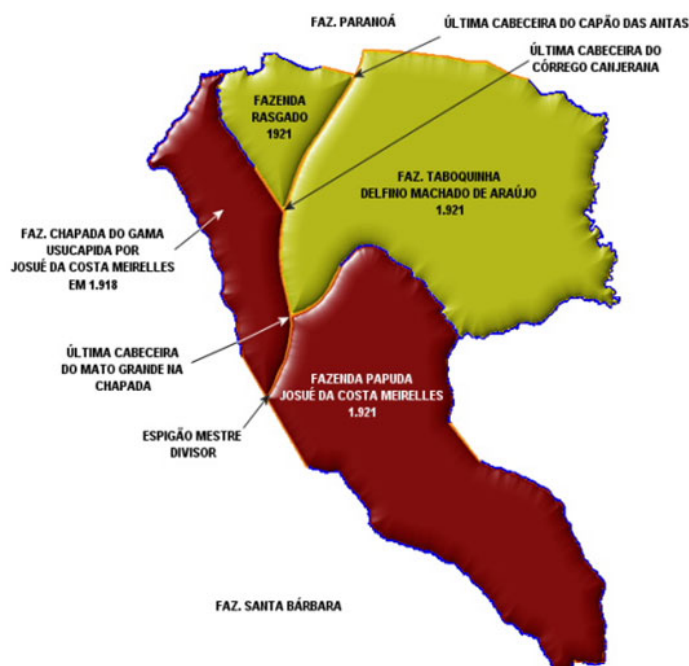
4) Registrar em áudio e vídeo a memória do casal guardião e a sua olaria artesanal.

## 1 SÃO SEBASTIÃO - TIJOLO POR TIJOLO

São Sebastião é marcada pela desapropriação de terras das fazendas Taboquinha, Papuda e Santa Bárbara. A história sobre as terras do DF começa em 1822, ainda nos primeiros anos do Império, quando o estadista José Bonifácio de Andrada e Silva propôs interiorizar a capital do Brasil e sugeriu os nomes de Petrópolis, em homenagem ao imperador Pedro I, ou Brasília. De acordo com Paulo Bertran:

Pedro de Alcântara, homônimo do imperador Pedro I, o fundador da nacionalidade (outra predestinação?), foi de longe o maior latifundiário do Distrito Federal no século XIX, senão em todos os tempos. Suas propriedades deviam exceder a 50 mil hectares, 71,5 vezes a área residencial das duas asas do Plano Piloto de Brasília. Quanto às sesmarias da margem direita do São Bartolomeu, só chegaram até no requerimento de Serafim Camelo de Mendonça (1767) e de Gabriel da Cruz Miranda (1768). Serafim Camelo de Mendonça (de quem se sabe descendentes), pelos confrontantes citados, deve ter-se encerrado numa área muito maior do que os 108 quilômetros quadrados que solicitara. Compreendia uma enormidade de terras, que hoje englobam a fazenda Taboquinha (que em suas extremidades chegava às QI's 24 a 28 do Lago Sul); as duas fazendas antigas da Papuda ou Santo Antônio – que em sua extremidade compreendiam a Escola fazendária, as Mansões D. Bosco e as QI,'20 e 22 do lago sul – e a fazenda Santa Barbara, extensíssima, que ia desde o rio São Bartolomeu até o aeroporto de Brasília, encostando no Núcleo Bandeirante (BERTRAN, 2011, p. 318/319).

**Figura 1 - Mapa das terras remanescentes das Fazendas Taboquinha, Fazenda Papuda e Fazenda Santa Bárbara em 1919**



**Fonte:** Site da Administração do Condomínio Estância Jardim Botânico II

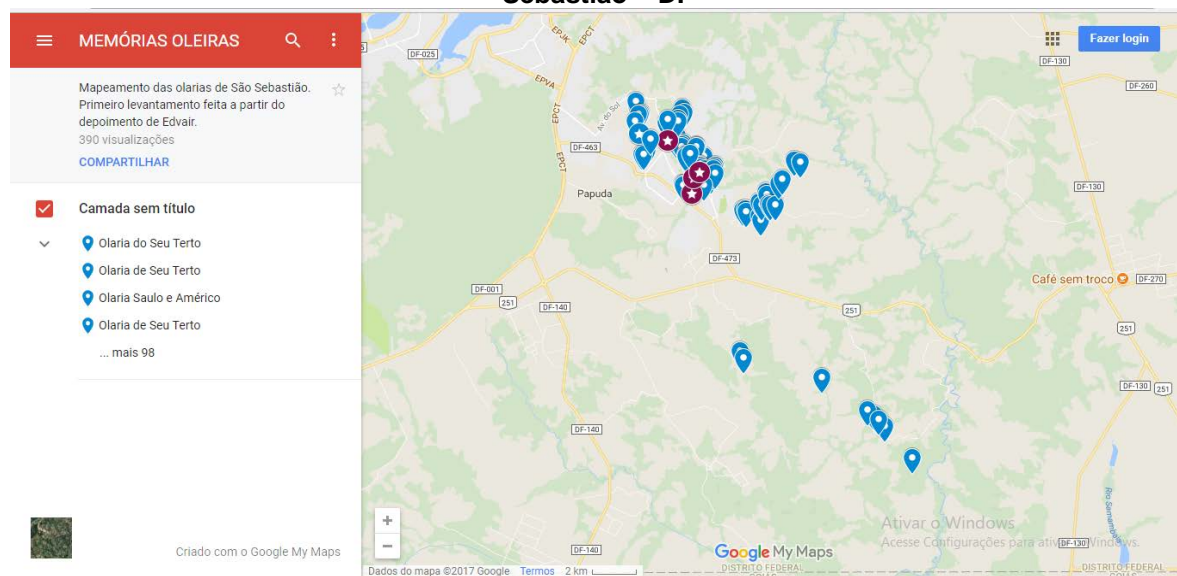




taes paragens. Mais de um caso de idiotismo observei em creanças cujos paes me disseram ter-lhes aparecido quando soffreram das sezões. Os papos também são comuns no Vão do Paranã” (Relatório Cruls, 2003, p.178).

Pelos registros do relatório da Missão Cruls, percebe-se que a região onde localiza-se São Sebastião favoreceu a instalação das olarias, ao oferecer os insumos necessários para a fabricação de tijolos. Com a presença dos rios Paranã e São Bartolomeu<sup>5</sup>, relevo e solo adequado, faz com que as fazendas aqui existentes sejam desapropriadas, dando o início a construção da Capital Federal, no ano de 1957. Instalam-se em média 100 olarias (foto 3) ao longo do córrego Mato Grande<sup>6</sup> e Ribeirão Papuda, em vista a suprir parte da demanda por materiais nas obras da construção civil de Brasília.

**Figura 3 - Projeto Memórias Oleiras – Mapeamento de 100 olarias e cerâmicas de São Sebastião – DF**



Fonte: Google Maps

<sup>5</sup> Dois rios que banham o DF, o Paranã nasce no Planalto Central e o Bartolomeu é um rio brasileiro que banha o Distrito Federal, formado a partir da confluência dos Rios Pípiripau e Mestre D'Armas, ambos tributários de águas da Estação Ecológica de Águas Emendadas. É o maior rio do Distrito Federal, com 200 km de extensão e corta o Distrito Federal, no sentido norte-sul. Estudos da Universidade de Brasília - UnB mostram que até o final da década de 1980, o São Bartolomeu era a principal reserva de água potável para abastecer a população do Distrito Federal, porém atualmente encontra-se poluído.

<sup>6</sup> A ARIE – Área de Relevante Interesse Ecológico do Córrego Mato Grande, criada pelo Decreto Nº 25.067 de 10 de setembro de 2004, tem área total de 132 hectares e perímetro de 9,41 metros. Está localizada na área denominada Área de Risco, composta pela margem direita do Córrego Mato Grande, a margem esquerda do Ribeirão Santo Antônio da Papuda, sendo esta a área verde da cidade de São Sebastião, descrita no Estudo de Impacto Ambiental - EIA e Relatório de Impacto Ambiental - RIMA de São Sebastião.

## 1.1 FAZENDA PAPUDA E ESCRAVIDÃO EM SÃO SEBASTIÃO

São Sebastião fazia parte da Fazenda Papuda até o ano de 1957. Os pioneiros relatam que essa região era nomeada Papuda, razão pela qual o Complexo Penitenciário da Papuda – DF recebe esse nome. O nome da Fazenda deve-se provavelmente a um casal de negros escravos que os antigos encontraram na beira do córrego, denominado córrego da Papuda, onde a mulher era portadora de uma deformidade física, espécie de bócio, aumento do volume da glândula tireoide, ocasionando o papo ou papeira. Fontes do Museu da Memória de Luziânia descrevem que a Fazenda ficava a 60 km de Luziânia. Ela foi constituída antes da construção de Brasília e situava-se onde está localizado o Complexo Penitenciário da Papuda. O Sr. Américo de Jesus<sup>7</sup> faz o seguinte comentário sobre a fazenda da Papuda:

A fazenda pertenceu ao Sr. Manoel José da Costa Meireles e foi transferida por herança ao irmão e genro senhor Josué da Costa Meireles, que foi casado com Maria Elísia da Costa Meireles, a partir de então a fazenda ficou para os herdeiros, filhos do Sr. Josué da Costa Meireles, conforme nos conta o seu neto Sr. Américo de Jesus Meireles, morador da antiga fazenda por mais de 50 anos. Ele prossegue descrevendo os pormenores das divisas da grande fazenda “compreendida numa área de 7 mil alqueires que partindo do rio São Bartolomeu até a Barra do Mato Grande, e da cabeceira rumo à Taboca, daí rumo a Canjerana até a barra com o Gama e por ele acima, até a barra da Cabeça de Veado de rumo a Cabeceira do Cachoeirinha e por ele abaixo até o São Bartolomeu e por ele acima até a barra do Papuda, portanto nos limites do Paranoá, Taboquinha, Gama e Santa Bárbara, todas grandes fazendas com muito gado.” (Fonte: Museu da Memória de Luziânia)

A principal atividade econômica da fazenda era a pecuária, com a criação de gado para corte, gado comum, ou seja, o Gir cruzado com Guzerá ou Índio<sup>8</sup> do Brasil, que geralmente era comercializado em Pires do Rio e também Vianópolis, e casualmente com algumas vendas para Barretos - SP. A agricultura na fazenda se voltava para a plantação de arroz, milho e feijão para consumo próprio.

Sr. Américo conta da existência de uma “Roda de Moinho”, cuja função era açoitador os escravos. Em seu relato diz que a roda era girada pela força da água, entretanto não chegou a vê-la. Os relatos dos primeiros pioneiros de São Sebastião

---

<sup>7</sup> Sr. Américo de Jesus, morador da antiga fazenda Papuda por mais de 50 anos. Dona Leontina Caldeira Soares e Manoel Genserico Countinho, pioneiros de São Sebastião, citam que ele foi o dono destas terras, quando na cidade ainda existia a sede da Fazenda Papuda.

<sup>8</sup> Cruzamento de raças de bois, uma prática comum entre fazendeiros para ter “sucesso” produtivo.

nos contam também que no bairro Vila Nova<sup>9</sup> existiam grandes “Troncos de Madeira”, cuja a função era o açoite de muitos desses trabalhadores e ainda restavam vestígios nas áreas das edificações remanescentes da antiga fazenda, como a edificação de uma parte da “senzala”, que passou a ser local de pouso para os viajantes que atravessavam o Distrito Federal. Atualmente ainda há o comércio de gado na região.

**Figura 4 - Sede da Fazenda Papuda**



**Fonte:** Museu da Memória de Luziânia

Outros vestígios desse tempo podem ser encontrados na cidade, como a “cruz” de madeira, fixada no alto do Morro da Cruz<sup>10</sup>, local onde supostamente dava-se o açoite e sacrifício de escravos no período Colonial. Os moradores locais relatam que esse local fazia parte da Rota do Sal<sup>11</sup> no período em que os tropeiros circulavam nessa região. De cima do morro temos a visão de São Sebastião em um

---

<sup>9</sup> Vila Nova o terceiro bairro de São Sebastião, possui infraestrutura, mas com alguns problemas de urbanização advindos da ocupação desordenada, como ruas pequenas e sem acesso.

<sup>10</sup> Morro da Cruz: Bairro de São Sebastião considerado pela SEDUMA – Secretária de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, como área rural. Possui lotes com mais de 1 hectare e lotes menores, por esse motivo deve respeitar a legislação pertinente. Porém, o PDOT – Plano Diretor de Ordenamento Territorial, o reconhece como área urbana. Os moradores reivindicam a regularização dos lotes, já que nesse ano (2007) ocorreram diversas derrubadas pelas equipes da Agência de Fiscalização do Distrito Federal (AGEFIS), ocorrendo uma operação de derrubada de casas que estavam em áreas irregulares no Morro da Cruz.

<sup>11</sup> Caminho, via ou estrada do sal é qualquer rota comercial pré-histórica ou histórica, pelas quais se transportava sal para destino a regiões que careciam dele.

giro de 360° graus, sendo considerado um atrativo turístico por muitos moradores que visitam a região. O projeto: “Sebas Turística” (foto 5), realiza visitas com estudantes e moradores locais para conhecer o atrativo turístico. Por meio das visitas surge outra perspectiva ao uso do Morro Cruz, que é a sua preservação e resistência ao tempo. Um exemplo é a restauração da Cruz, a qual foi realizada em conjunto por um grupo de artistas e o Instituto Metamorfose<sup>12</sup>, o que evidencia a ocupação desse local como Lugar de Memória e consolida o seu valor histórico para os moradores de São Sebastião.

**Figura 5 - Morro da Cruz (2017)**



**Foto: Sebas Turística**

---

<sup>12</sup> Instituto Metamorfose: É um projeto que tem o intuito de formar artistas, democratizar a arte e levar a cultura para o cotidiano da comunidade de São Sebastião e do Distrito Federal. Em maio de 2017 um grupo de artistas realizou um ato de restauro na Cruz de madeira que se localiza no alto do Morro.

## 1.2 DE AGROVILA A SÃO SEBASTIÃO

O contrato de arrendamento de terras entre os comerciantes e a Fundação Zoobotânica tinha como data limite de ocupação a posse por 30 anos. Com a expiração dos contratos de uso, na área ocupada pelos comerciantes, começou a ser feita a instalação da Proflora, na época um programa de reflorestamento das áreas destruídas. Os contratos dos posseiros não foram renovados, as olarias foram desativadas e os comerciantes e moradores da região ficaram sem seus trabalhos e sem ter para onde ir. Começou o parcelamento irregular do solo como forma de garantir a posse da área e assim a vila passou a se consolidar e imediatamente surge um núcleo urbano à margem dos córregos Mata Grande e Ribeirão Santo Antônio da Papuda.

Os trabalhadores se instalaram nas margens do rio São Bartolomeu, utilizando dragas para retirar a areia a ser fornecida às construtoras ligadas à Nova Capital do Brasil - NOVACAP. O trabalho de olarias (foto 6) difundiu-se muito intensamente nesta área, onde foram produzidos em média 90% dos tijolos maciços usados na construção de Brasília. A região passa a ser conhecida como Cidade Argila.

**Figura 6 - Olaria da NOVACAP. São Sebastião (1960)**



**Fonte:** Arquivo Público

Com o alojamento das olarias e a grande demanda por materiais para a construção da nova capital, diversos trabalhadores, muitos originários do Estado de Goiás e do Estado de Minas Gerais, vieram para essa região motivados pelas ofertas de emprego. Durante o tempo da construção da Capital Federal, São Sebastião atravessa um longo período realizando a exploração de areia e argila abundantes na região. Uma das cerâmicas que produziu tijolos em larga escala, a “Cerâmica Nacional” (figura 7), localiza-se na Vila do Boa<sup>13</sup>, e hoje está desativada devido ao impacto ambiental e às exigências tributárias.

**Figura 7 - Cerâmica Nacional**



**Foto:** Aline Karina

Na década dos anos 70, o núcleo de custódia de Brasília<sup>14</sup>, que anteriormente ficava na VELHACAP<sup>15</sup>, foi transferido para uma área da Polícia Federal, localizada na antiga Fazenda Papuda, nas imediações da área ocupada pelos pioneiros. Através da valorização da criação de Brasília, São Sebastião passou a ter o nome ligado ao Complexo Presidiário da Papuda, o que começou a incomodar muitos dos

---

<sup>13</sup> Bairro Vila do Boa: Tem esse nome devido a Seu Boaventura, um baiano de Barreiras que veio a Brasília e foi um dos maiores produtores de hortaliças nas décadas de 70 e 80.

<sup>14</sup> O Núcleo de custódia de Brasília foi o primeiro presídio do DF.

<sup>15</sup> Assentamento pioneiro que corresponde hoje à Candangolândia.

moradores locais. Surgiu um movimento organizado pela associação dos moradores para decidirem um novo nome para a cidade.

Uma reunião da Associação Comunitária dos moradores da Papuda foi marcada para o dia 24 de fevereiro de 1985 para que fosse escolhido o nome da vila. Por maioria dos votos é escolhido o nome de “Vila São Sebastião” ou “Agrovila São Sebastião”, em homenagem a Tião Areia (figura 8), um importante oleiro para a história da cidade, reconhecido por todos como o fundador da cidade. Por ter nome de santo, Tião Areia se confunde à imagem do soldado romano São Sebastião, que foi martirizado por professar e não renegar a fé cristã. No exército romano, chegou a ser Capitão da 1ª Guarda Pretoriana<sup>16</sup>, cargo esse que só era ocupado por pessoas ilustres, dignas e corretas. Sebastião era muito dedicado à carreira, tendo o reconhecimento até mesmo do Imperador Romano, Maximiano. Devido à origem de sua história de lutas e glória, Tião Areia é homenageado ao ter seu nome dado a uma praça no centro da cidade. Houve uma orientação por parte dos governantes para que os moradores de São Sebastião deixassem o local, que pertencia ao Governo do Distrito Federal. Muitos aceitaram mudar para as novas cidades satélites em construção no DF, porém Tião Areia resistiu, fixando – se em uma das glebas anteriormente destinadas às olarias. Segundo o seu próprio relato, chegou na região no ano de 1959 e ficou conhecido com o “Tião Areia”, pois naquela época o nome “Sebastião” era muito popular na cidade e para diferenciá-los vários apelidos foram adotados: Tião do prego, Tião borracheiro, Tião da Lenha e Tião da Areia.

Tião Areia começou então a parcelar a gleba de que tinha posse, repassando pequenas porções de terra para quem não possuía moradia e que desejava permanecer na cidade. Sua história impressiona muitos moradores da cidade até hoje, pois teve a possibilidade de ser um dos homens mais ricos da região, mas preferiu viver de uma forma modesta e hoje mora em um pequeno sítio na área rural de São Sebastião. A partir desse fato, a cidade ganhou força e reconhecimento no DF. Seus moradores uniram-se em busca da regularização da cidade. As articulações para a permanência da cidade foram estruturadas pelos líderes comunitários, tendo como figura principal Tião Areia, sendo prestigiado e patrocinado

---

<sup>16</sup> Pretoriano era um membro da chamada Guarda Pretoriana, um grupo de soldados encarregados da proteção da parte central do acampamento das legiões romanas, onde ficavam instalados os oficiais.



por vários políticos que enxergavam nele grande poder de atuação local e um canal com a comunidade que se iniciava.

**Figura 8 - Tião Areia amassando o barro para a manufatura do tijolo artesanal**



**Fonte:** Correio Braziliense

### 1.3 HISTÓRICO DE LUTAS DE SÃO SEBASTIÃO

São Sebastião é uma cidade que pulsa em relação às lutas e reivindicações populares, com quase 40 instituições culturais e sociais, segundo o mapeamento<sup>17</sup> realizado pelo Sebas Turística. Isto evidencia o histórico de ações dos pioneiros no passado ao proporcionar um engajamento em lutas sociais. A agitação popular, que grita aos quatro cantos da cidade, se faz presente na atualidade com o principal grupo online de comunicação da cidade: O Oficial São Sebastião<sup>18</sup>, o qual tem uma ativa participação popular.

Ao reconhecer a possibilidade de permanência da população, inicialmente o governo publicou a lei 204/91, autorizando a população a se fixar dentro de uma área definida por uma poligonal urbana. A comunidade local comemora este fato e

---

<sup>17</sup> Digite no Google: Mapeamento Sebas Turística.

<sup>18</sup> Oficial São Sebastião: Principal grupo de comunicação dos moradores da cidade, hospedada na rede social *Facebook* e administrado por Rangel Barbosa e Patty Oliveira. O grupo possui aproximadamente 100 mil membros. A comunidade participa ativamente de todas as discussões.

inicia-se assim a campanha de mobilização social em busca de melhorias para a infraestrutura da cidade.

Para cumprir a lei de 204/91, vários órgãos do governo passaram a realizar estudos na área, resultando então na entrega de um Plano de Ocupação para a Vila de São Sebastião, em março de 1993, pelo antigo DEU/GDF<sup>19</sup>. Este plano apontava propostas urbanas para a fixação bem como restrições iniciais para a cidade. Neste mesmo ano, em junho, a Agrovila passou a ser a XIV região administrativa do Distrito Federal, por meio da lei nº 167 de 25/06/93. Esta data que passou a ser o dia oficial do aniversário da Cidade.

**Figura 9 - Mobilização comunitária por melhores condições para a cidade (21/01/1993)**



Fonte: Acervo Josino Alves de Castro

#### 1.4 SÃO SEBASTIÃO HOJE

De acordo com dados da Pesquisa Distrital de Amostra de Domicílios (PDAD) do Distrito Federal de 2011 e a PDAD de São Sebastião de 2016, as quais foram elaboradas pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), hoje a cidade possui 28 bairros. Em 2011 a população urbana de São Sebastião era de 77.793 habitantes, sendo destes 38.882 do sexo masculino e 39.911 do sexo feminino. Pelos dados de 2016, a população obteve um crescimento passando para 100.161 habitantes, sendo 49.831 do sexo masculino e 50.330 do sexo feminino. Em cinco anos a população teve um aumento de 28%, tendo como uma das possíveis

---

<sup>19</sup> Departamento de Urbanismo do Governo do Distrito Federal.

causas desse aumento o surgimento de novos bairros, como o Jardim Mangueiral, segundo dados da PDAD. Em termos de raça e/ou cor em 2011 dos 77.793 habitantes, 22.460 se declaram brancos, 50.024 pardos e 5.280 pretos. Pelos dados de 2016 (Tabela 1) dos 100.162 habitantes, 32.636 se declaram brancos, 58.563 pardos e 8.892 pretos. De 2011 para 2016 o grupo que se autodeclara de cor preta teve aumento de 68%, sendo o grupo que mais cresceu.

**Tabela 1 - População segundo a cor ou raça declarada – São Sebastião, 2016**

<b>Cor ou Raça</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Branca	32.636	32,58
Preta	8.892	8,88
Amarela	70	0,07
Parda	58.563	58,47
Indígena	0	0,00
<b>Total</b>	<b>100.161</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Codeplan - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - São Sebastião - PDAD 2016

Quanto ao nível de escolaridade, em 2011 destaca-se a parcela da população que possui ensino fundamental incompleto (42,48%), seguida dos que possuem ensino médio completo (19,35%), e ensino médio incompleto (11,21%). Os que possuem nível superior completo, incluindo graus de especialização, mestrado e doutorado, representam 2,44% da população. Os analfabetos representam 1,83% população.

Pelos dados de 2016, a população concentra-se na categoria dos que possuem fundamental incompleto (39,15%), seguida pelo nível médio completo (21,78%) e nível médio incompleto (8,75%). Os que possuem ensino superior completo, incluindo especialização, mestrado e doutorado passam a representar 8,16% da população e os analfabetos 2,47% da população.

Em relação à habitação, segundo dados de 2011 foram registrados 24.072 domicílios em São Sebastião. Destes 23.460 do tipo casa. Outros tipos de domicílios pela metodologia da CODEPLAN são poucos expressivos, como 170 apartamentos ou 204 barracos. Pelas condições de domicílios, 10.880 são do tipo próprio em assentamento/invasão, 6.188 na situação de aluguel e 3.332 em terreno não legalizado. Em termos de documentação do imóvel, nenhum domicílio em São Sebastião possuía escritura definitiva, sendo 14.314 domicílios na situação de concessão de uso e 2.210 sob contrato de compra e venda.

Em 2016 houve um aumento no número de domicílios passando para 29.023. Destes domicílios 11.212 são do tipo próprio em terreno não regularizado, 3.192 encontram-se em assentamento e 4.558 são alugados. Em termos de documentação do imóvel, 516 domicílios já possuíam escritura definitiva, 2.548 domicílios sob os termos de concessão de uso, 12.896 sob contrato de compra e venda e 4.048 são do programa Minha Casa Minha Vida/Morar Bem.

Essas mudanças, em termos de documentação do imóvel, sendo que em 2011 nenhum domicílio possuía escritura definitiva e em 2016 contavam-se 516 domicílios legalizados, podem ser explicadas pela política de regularização que vem ocorrendo não só em São Sebastião, mas em toda região do DF. Uma explicação possível para a queda de 14.314 domicílios sob concessão de uso em 2011 para 2.548 em 2016 pode ser as mudanças metodológicas de pesquisa da CODEPLAN, pois verifica-se também um aumento expressivo nos domicílios sob contrato de compra e venda.

Pelos dados acima é possível perceber a complexidade dos problemas sociais existentes em São Sebastião. A cidade obteve um crescimento demográfico expressivo e se expande à medida que se afasta do bairro Centro. O tom de pele das pessoas vai escurecendo à medida que nos afastamos do Centro da cidade. A maioria dos moradores não possui o nível educacional adequado. Muitos ainda não se reconhecem como negros e a maioria ainda mora em áreas irregulares. Porém, o histórico de lutas e resistência que permeia a cidade me faz crer que a terra dos “Sebastiões” é uma terra de revoluções. Como diz o poeta da cidade Vinícius Borba (2015): “Dos areias desta terra, barro, argila, fundador de tijolo, suor e vida São Sebas nossa querida Quebrada de Sonhador”. Que assim seja e não percamos a esperança.

## **2 TURISMO CIDADÃO – LUGARES DE MEMÓRIA**

Viajar para conhecer pessoas, tradições, histórias e aprender sobre o passado de maneira dinâmica e autêntica tem sido uma das mais fortes tendências na atividade turística. Segundo Margarida Barretto (2000) o turista que viaja com este objetivo vai em busca do turismo cultural, aquele em que o principal atrativo é algum aspecto da cultura humana, seja ele a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer outro aspecto que o conceito de cultura abranja.

Refletindo nesse aspecto sobre o viajante que se desloca para conhecer culturas e aprender sobre o desconhecido, é importante ressaltar a definição do que é Turismo. De acordo com Moesh e Gastal, (2007, p. 20): “O Turismo é um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos”. Essas práticas e deslocamentos que vão em busca do novo podem se dar dentro do nosso bairro ou na cidade em que residimos. Não precisamos viajar para longe para fazer Turismo. O nosso cotidiano é dinâmico e as descobertas acontecem a todo instante. E a proposta de uma viagem dentro na nossa própria cidade abre a discussão sobre o Turismo Cidadão, na qual o turismo viria na contramão dos meios de comunicação através do descobrimento da sua localidade, resgatando lugares de memória e sujeitos históricos, permitindo justamente que as pessoas voltem a frequentá-la, reaprendendo a ali exercitar sua voz. De acordo com Moesh e Gastal:

O turista cidadão é aquele morador da localidade que vivencia práticas sociais, no seu tempo rotineiro, dentro de sua cidade, de forma não rotineira, onde é provado em relação à cidade. Turista cidadão é aquele que resgata a cultura da cidade, fazendo uso do estranhamento da mesma. Este estranhamento inicia no momento em que o indivíduo descobre, no espaço cotidiano, outras culturas, outras formas étnicas e outras oportunidades de lazer e entretenimento. Quando se encontra na situação de turista cidadão, este sujeito aprende a utilizar os espaços ambientais, culturais, históricos, comerciais e de entretenimento com uma percepção diferenciada do seu cotidiano. (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 65).

Pierre Nora (1984) desenvolve em seu já clássico texto *Entre Memória e História* – a problemática dos lugares, a afirmativa de que não existe mais memória, que esta só é revivida e ritualizada numa tentativa de identificação por parte dos indivíduos. A sociedade utiliza-se hoje da história para lhe conferir lugares onde possa pensar que não somos feitos de esquecimentos, mas de lembranças. Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. Sendo assim, resgatar memórias de um casal pioneiro de uma olaria artesanal de São Sebastião na construção de Brasília, é uma busca a tornar viva a memória de algo importante e identitário socialmente, principalmente no que diz respeito ao protagonismo dessas vozes, sufocadas pela história única dita oficial. Os pioneiros e guardiões da memória, Dona Leontina Caldeira Soares e Antônio Soares Ferreira, são sujeitos históricos dessa memória que constitui a história de São Sebastião. A Olaria Artesanal de Dona Leontina e Seu Antônio é um lugar de memória que faz com que eles exercitem suas vozes. Por meio de uma trilha turística que vá ao encontro da Olaria Artesanal pode-

se ouvir as vozes destes dois guardiões de memórias, o que afirma o conceito de Turismo Cidadão. Isto seria uma forma educativa que vai em contramão a uma narrativa histórica única presente nos meios de comunicação hegemônicos. Muitas vezes percorremos o mundo buscando uma experiência nova e a possibilidade de descobrir outras culturas, mas não nos atentamos a conhecer a história do nosso lugar, sendo ainda uma prática nova e desconhecida em um território à margem e fora do eixo do Plano Piloto de Brasília. Dessa forma a proposta de um “Turismo Fora do Avião”, e entendendo que há uma percepção diferenciada do seu cotidiano, Moesh e Gastal (2007, p. 10) continuam conceituando que “quando o cidadão sai de suas rotinas temporais e espaciais ao visitar, por exemplo, um bairro diferente do seu” essa concepção revela que o Turismo pode ser feito no bairro da nossa cidade e que através da vivência de uma localidade pode-se criar um novo olhar sobre o lugar, e essa visão pode acontecer empoderando sua região. Surge assim o “Sebas Turística”.

## 2.1 SEBAS TURÍSTICA

Conhecer lugares de memórias representativos à História de São Sebastião é uma forte tendência do Turismo Cultural, aproximando a comunidade local com a sua história, seus atrativos culturais, memória social, e reconhecendo as potencialidades turísticas, tendo como objetivo envolver a comunidade local utilizando os equipamentos e estruturas que favorecem a prática Turística. Dessa experiência surge o Sebas Turística.

O Sebas Turística nasceu através das minhas inquietudes enquanto estudante negra e periférica na Universidade de Brasília. A disseminação dos símbolos repetidos da construção de Brasília, ou seja, a propagação da história única que valoriza “heróis da revolução” invisibiliza os pioneiros. São Sebastião está inserida neste contexto. Como moradora da cidade há 08 anos sofria na pele esse processo.

Através de aproximadamente 100 olarias instaladas aqui nas décadas de 50 e 60, responsáveis pela produção de 90% dos tijolos da construção da capital, entendi a importância histórica de São Sebastião e pensei em uma iniciativa de empoderamento da cidade através do Turismo, ou seja, reconhecendo o turismo como uma ferramenta agregadora de cidadania. Nessa trajetória, realizei esse

trabalho em parceria de Karlinha Ramalho, fundamental nesse processo, que reside há 17 anos em São Sebastião e faz parte de vários coletivos culturais e sociais da cidade. Utilizando como instrumento as redes sociais, criou-se uma página no Facebook com o nome do projeto “Sebas Turística”, pois, em São Sebastião, há o costume de chamar afetivamente a cidade de “São Sebas”. O logotipo do projeto (figura 10) traz uma árvore com cores que remetem à bandeira de São Sebastião. O ocre simboliza a cor do barro, referência aos tijolos; o verde simboliza a natureza exuberante deste belíssimo vale e a produção agrícola da área rural, conhecida antes por “Agrovila São Sebastião”; o azul celeste simboliza o límpido céu de Brasília; e a árvore simboliza o crescimento de uma família ou de um povo.

**Figura 10 - Logotipo Sebas Turística**



**Fonte:** Sebas Turística

Como Turismólogos, devemos sempre ter em mente que, seja qual for a nossa atividade, projeto, empresa, produto, ela deve ser benéfica também para a comunidade local e não só servir de base para oportunidades financeiras. Assim, com a experiência de “Sebas Turística”, a equipe do projeto é moradora da região e conta com a contribuição dos moradores na criação dos quadros (ações).

Figura 11 - Mapeamento das Potencialidades Turísticas de São Sebastião



Fonte: Sebas Turística

## 2.2 AÇÕES SEBAS TURÍSTICA

As principais ações do Sebas Turística são:

- **Lugares São Pessoas:** Entrevista oral + Fotografia com sujeitos que contribuem na comunidade, muitos deles são artistas, líderes comunitários, atletas e pioneiros, dentre outros.
- **São Sebas Por Dentro:** Produção audiovisual com entrevistas com os principais grupos organizados da cidade. Mapeamento da cidade e apontamento de 35 pontos culturais e sociais.
- **Nas Trilhas da Agrovila:** Produção audiovisual através de passeios turísticos guiados pelos guardiões de memória da cidade nos principais atrativos culturais e naturais de São Sebastião.
- **6 atrativos para conhecer em São Sebastião:** Produção através de designer gráfico com 6 pontos para conhecer na cidade, em conjunto com um mapa indicando a localização desses locais.



- **Agenda Cultural:** Postamos na página os diversos eventos que acontecem na cidade no final de semana.
- **Ação Musas do Cotidiano:** Ensaio com mulheres negras da cidade em locais que são representativos em suas vidas.

É claro que um guia turístico (foto 11) não poderia ficar de fora do projeto. Como experiência, destaco:

Estamos em fase de produção do nosso material impresso que seria nosso guia turístico, por enquanto temos a versão online do Google Maps. Se digitarmos: Mapeamento do Sebas Turística no Google, aparece o mapeamento das Potencialidades Turísticas, dividido em categorias como: atrativos culturais/sociais, atrativos naturais, espaços públicos, bares e restaurantes, hospedagem, comida de rua, lazer, etc. As rotas turísticas são: Rota cultural, gastronômica, social, ambiental. Essa parte ainda está em construção, **pois queremos nomear cada rota com nomes representativos da cidade**, mas já executamos vários roteiros através das rotas que sempre estamos construindo. A mais significativa para nós foi o passeio turístico que fizemos em parceria com a Escola na Rua, um projeto social que é realizado na cidade<sup>20</sup>.

### 3 TRILHAS METODOLÓGICAS DO BARRO

O Turismo, além de ser uma prática que exige deslocamentos dos sujeitos em tempos e espaços diferentes, também é um fenômeno complexo que depende dos aspectos sociais, ambientais, culturais, históricos e econômicos. Nessa composição complexa, eu escolho o meu estudo através de uma Trilha Turística: Memória de um casal pioneiro de uma Olaria Artesanal de São Sebastião na construção de Brasília. Essa trilha, de acordo com Maria Luiza Cardinale Baptista, tem a seguinte definição:

Como trilha, ela precisa ser feita, mas, vai se delineando mais nitidamente no processo que se estabelece quando o pesquisador sai a campo, 'em viagem'. Esse pesquisador precisa estar atento para as alterações e para o caminho que se mostra, se insinua. O caminho novo, que vai sendo tecido no próprio movimento da pesquisa, deve ser seguido, mesmo que não tenha sido previsto (BAPTISTA, 2014, p. 347).

Sendo assim, a pesquisa iniciou-se antes mesmo de chegar ao local a ser estudado. Não existe 'um' único caminho, pois as 'tramas de trilhas', sugeridas por Baptista, "são pistas que cada pesquisador vai compondo, numa espécie de trama

---

<sup>20</sup> Trecho retirado da plataforma online Vivenciando Turismo, com conteúdo voltado para o empreendedorismo e *branding* pessoal, através de histórias, dicas e ideias que despertam *insights* em estudantes de turismo e turismólogos. Nasceu em 2012 para fazer você pensar, criar e vivenciar o turismo.

metodológica, ao compreender mais profundamente o fenômeno que está estudando” (2014, p. 344). E apresentando a narrativa da história oral de vida de Dona Leontina (62) e de seu Antônio (70), oleiros de São Sebastião há mais de 30 anos, faz necessário que o caminho trilhado para entender essas narrativas como fonte de pesquisa seja compreender a Antropologia Interpretativa (GEERTZ, 1978), onde enfatiza-se que a cultura é uma teia de significados. Como pesquisadora, realizei as interpretações e análises das narrativas do casal, através da reconstrução da memória que produz essas histórias para enfim, costurar a história oral de vida dos guardiões de memória de São Sebastião dando significado aos seus relatos e entendendo a Teoria da Memória como método, a qual é uma força interpretativa e de construção de conhecimento.

Durante os primeiros meses de 2017, foram realizados vários encontros com o casal. Muitos desses encontros foram acompanhados por grupos de turistas, pois como idealizadora do projeto Sebas Turística, levei várias pessoas para conhecer a olaria do casal, já que eles trabalham e moram no mesmo local. Região afastada do centro de São Sebastião, o bairro tradicional, uma das primeiras áreas da cidade, ainda sofre com precarização, falta de saneamento básico e desregularização de terras. Os narradores estavam sempre disponíveis para contar suas histórias. Foi gravado um vídeo, em 16 de novembro de 2017, no mês da Consciência Negra. Fizemos esse *tour* turístico através de rota permeada de significados onde o Feminismo, composto por Mulherismo Africana, Feminismo e Feminismo negro, estava presente e, especificamente nesse dia, o casal deu o seu emocionante relato. Através dos fragmentos dos relatos, fui unido as suas percepções e vivências em São Sebastião no período da construção de Brasília.

A elaboração do diário de campo foi construída com leituras sobre São Sebastião, conversas com vários movimentos sociais e culturais da cidade, aprofundamento dos estudos e pesquisas no Arquivo Público do Governo do Distrito Federal. A minha paixão como pesquisadora sobre a área da Teoria da Memória ajudou bastante nesse processo, ainda mais sabendo que a tradição oral se constitui como o maior patrimônio da história negra. De acordo com Izabel da Silva Bueno (2008), “As fontes orais permitem, de uma forma organizada, o conhecimento e compreensão de valores sociais, religiosos e educacionais, normas, comportamentos veiculados por esta oralidade. A tradição oral constitui um patrimônio da comunidade negra”, pois é bem sabido que a nossa história encontra-

se escondida com cada sujeito que se dispõe em narrar a sua vivência. Infelizmente, o racismo faz com que muitos de nós desvalorizemos a nossa trajetória, porém, através de um resgate dessas histórias, percebemos o nosso valor enquanto sujeito.

Foram vários encontros com o casal, me senti parte da família. Eles abriam a porta de sua casa, eu tomava café, passava o dia todo e as vezes ficava até para o almoço. Conheci todos os filhos do casal, fiz amizade e aceitei o convite de frequentar a igreja deles. Como a história de vida deles se parece muito com a minha, desde o princípio ficava muito empolgada em saber em detalhes como eles vivenciaram a época do celeiro de obras que se fez presente na época da construção de Brasília, já que meus avós também foram pioneiros, e alguns fragmentos dessas histórias ficaram gravados na minha memória. Desde pequena gostava muito de ouvir como eles vivenciaram e puderam resistir e lutar por suas sobrevivências na cidade dos “sonhos” de alguns. O casal ficava muito feliz com as visitas que ocorreram em sua casa e expressaram que as portas estão abertas para a comunidade que deseja ouvir a história de São Sebastião. O projeto “Sebas Turística” pretende levar estudantes de escolas públicas e particulares da cidade, para que os moradores se sintam presentes dentro da sua própria cidade, e conseqüentemente despertar o sentimento de pertencimento por São Sebastião. Em passeios anteriores pude conversar com os alunos que vivenciaram essa experiência e nos relatos muitos dizem que a percepção sobre São Sebastião mudou. A olaria artesanal de seu Antônio e Dona Leontina tem grande vocação para se tornar um patrimônio material da cidade, já que é a única em funcionamento, conservando a tradição e o modo artesanal de fabricar tijolos maciços.

Walter Benjamin, em sua obra o “Narrador” nos diz que a “a arte de narrar está em vias de extinção e que são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (1892-1940, p. 197), e narradores como o casal de oleiros estão em extinção em uma sociedade onde os encontros tendem a ser virtualizados. A noção de que esses guardiões de memória ficaram para trás através dessa pesquisa faz aproximar os laços entre os moradores e os pioneiros que buscam compreender a história da cidade. A sabedoria popular sempre se concentrou com os mais velhos. Walter Benjamin também reforça que um narrador de qualidade tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais. Concordamos, desta maneira, que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência

dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1996, p. 201). O casal de oleiros ao reproduzir sua história de vida e sua memória individual estaria, também, representando a história de vida de um determinado grupo e da memória social coletiva, esta que usamos enquanto justificativa de ter no papel da narrativa de Dona Leontina e Seu Antônio.

Essa pesquisa de natureza qualitativa foi o modelo metodológico adotado para reconstruir as memórias do casal pioneiro de uma olaria artesanal de São Sebastião entre os anos de 1955 até os dias atuais. Segundo Maria Cecília de Souza Minayo (1995), essa abordagem de pesquisa preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado principalmente quando o objetivo é tentar desvelar os significados culturais buscando, neste caso, reconstruir o passado através das memórias dos pioneiros.

Há uma idade em que se ensina o que se sabe, mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível (BARTHES, 1996).

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, baseado no modelo de estudo das ciências da natureza. Afirmam que as ciências sociais têm sua especificidade, que pressupõe uma metodologia própria. (GOLDENBERG, 1999). E isso afirma o conceito de trilhas metodológicas, onde não existe um caminho de pesquisa único, pois existe um caminho novo, que vai sendo tecido no próprio movimento da pesquisa. Deve ser seguido, mesmo que não tenha sido previsto.

Enquanto as ciências naturais buscam generalizações e a descoberta de regularidades, as ciências sociais visam compreender e interpretar as experiências, que no caso dessa pesquisa são as experiências de vida do casal de oleiros dentro do contexto em que foram vivenciadas. Nesta mesma direção, tem-se que os “métodos quantitativos supõem uma população de objetos de observação comparável entre si e os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser” (HAGUETTE. p. 63).

Logo assim, esta argumentação filosófica mais geral, que diferencia as ciências sociais das demais ciências, apresenta o surgimento e o desenvolvimento da Pesquisa Qualitativa e as técnicas qualitativas de pesquisa.

### 3.1 TÉCNICAS QUALITATIVAS

Na Olaria Artesanal do casal, dentro das abordagens qualitativas, entende-se que esse recorte espacial corresponde à abrangência baseada na experiência da observação, e o recorte teórico com ênfase nas memórias corresponde ao objeto da investigação.

A olaria faz parte de uma relação de interação social com a pesquisadora, daí resultando na interpretação das narrativas das memórias do casal de oleiros no período da construção da Capital, num processo mais amplo de construção de conhecimentos.

As técnicas qualitativas são utilizadas em três situações:

- Através da evidência qualitativa que substitui a informação estatística relacionada a épocas passadas por meio de análises documentais, análise de discurso, análise de conteúdo e teoria da memória, dentre outras;
- Através da captação de dados psicológicos que são ocultados ou não facilmente identificados como atitudes, motivos, pressupostos, quadros de referência, delinquência juvenil, prostituição, drogadição, relações raciais e práticas alimentares;
- Através das observações qualitativas que são usadas como indicadores do funcionamento complexo de estruturas e organizações complexas que são difíceis de submeter à observação direta como: empresa, hospital, prisão, comunidade, estratificação ou mobilidade social, dentre outras.

Existem algumas técnicas adequadas para a captação de informações características de cada uma destas situações referidas. A observação participante, história oral de vida, grupos focais e a entrevista se prestam a estas situações e, dependendo do problema definido pelo estudo, pode ser dada uma maior ênfase a uma ou outras técnicas sendo que, na maioria das vezes, as três são utilizadas.

Complementar à documentação histórica e aos dados agregados, que permitem a reconstituição de um fato único, a história oral de vida, baseada em depoimentos gravados de sujeitos sociais que recorrem à sua experiência e memória para recompor fatos acontecidos no âmbito da sua temporalidade está apta para fornecer subsídios dentro dos limites da dimensão contemporânea.

A memória não é simplesmente um reservatório passivo de dados, cujo conteúdo pode ser esvaziado e escrutinado à vontade. Ela está empenhada e integrada com o presente – com atitudes, perspectivas e compreensões que mudam continuamente – trabalhando e retrabalhando os dados da experiência em novas reformulações, opiniões e, talvez, até novas criações... A história oral captura um segmento da experiência humana – a interação do entrevistador com o entrevistado – no contexto de um passado lembrado, de um presente dinâmico e de um futuro desconhecido e aberto (MOSS, 1974, p. 93-94).

A reconstrução das memórias do casal foi elaborada por meio da história oral de vida, que neste trabalho é adotado como uma técnica. A história oral de vida é constituída de uma fala mediada pelo gravador, que não se restringe ao ato de gravar e que para existir precisa necessariamente de três elementos: narrador, pesquisador e máquina para gravar.

Tudo reunido deve gerar textos escritos, elaborados a partir de técnicas e métodos estudados. Implica a elaboração de um documento que pode ser num primeiro momento a transcrição do testemunho e, em outra etapa, a sua análise. (MEIHY, 1994, p. 53).

O depoimento oral obtido através da interação entre pesquisadora e o casal de oleiros testemunha os acontecimentos. É tido como fator relevante para a compreensão da sociedade. Ou seja, a história oral pode buscar desvendar um fato social vivido pelo indivíduo ou grupo e neste caso os relatos orais da vida dos oleiros que trabalharam com a produção dos tijolos da Capital trazem subsídio para se chegar a uma história oral temática. Portanto, a história oral oferece um meio para preencher as lacunas dos documentos oficiais escritos. Por basear-se no depoimento pessoal e na memória, a história oral está sujeita a críticas com respeito à validade dos dados que ela obtém. No desenvolvimento desta técnica, conta-se com o fator “esquecimento”, com as emoções frente aos fatos vividos e com o “imaginário” pessoal dos atores sociais. A perda da memória pode evidenciar as impressões na vida pessoal dos oleiros causadas pelo evento em questão e as

emoções e o imaginário podem ser entendidos como efeitos da representação própria do casal de oleiros em relação ao fato ou evento estudado.

Teresa Maria Frota Haguette observa que, a memória humana, os acontecimentos ou impressões relatados podem ser distorcidos, episódios deslocados ou elementos omitidos. “A reconstituição de um evento ‘de memória’ pode estar imersa em reinterpretações, seja porque existe uma distância entre o fato passado e o depoimento presente que já incorpora mudanças de perspectiva ou de valores” (1987, p. 81) dos narradores, seja porque o fato estudado pode ser interpretado à luz dos interesses do informante.

Por fim, pode-se dizer que a história oral é interdisciplinar, sendo foco de interesse de diversas áreas (antropologia, história, sociologia, ciência política, jornalismo, geografia, saúde).

### 3.2 TÉCNICA DA HISTÓRIA ORAL DE VIDA

A utilização da técnica da história oral pressupõe alguns passos, conforme se descreve a seguir.

**A definição do tema:** A pesquisa se norteou em investigar a história oral de vida do casal de oleiros de São Sebastião. Esse tema me chamou atenção pela rica diversidade das memórias dos pioneiros que ainda vivem na cidade e abertura ao diálogo, nos recebendo da melhor forma para visitar sua propriedade.

**A escolha dos informantes:** O casal de oleiros - Dona Leontina Caldeira Soares e Seu Antônio Soares Ferreira - são sujeitos ativos da história viva de São Sebastião. Desde a vinda para a cidade, trouxeram a percepção de que o processo da construção de Brasília foi diferente para eles. Essa memória destoa do que é retratado nos livros oficiais, e a maneira deles de ser e estar dentro de uma Capital Federal planejada faz com que tenhamos certeza de que o processo de segregação socioespacial foi severo com muitos pioneiros.

**A caracterização da entrevista:** Não existe uma forma única ou um modelo padrão para a entrevista, contudo é importante que o pesquisador defina previamente o direcionamento ou a temática para realizá-la. A entrevista foi guiada por meio da explicação inicial da temática e pelo acompanhamento da construção da narrativa de cada um. Através de um grupo de pessoas que estavam presentes na

roda de conversa que aconteceu no dia 16 de novembro na propriedade da Dona Leontina, as perguntas foram abertas e estabeleceu-se um diálogo aberto e informal.

**Roteiro de entrevista:** É fundamental e pressupõe o conhecimento do tema a partir de todas as fontes disponíveis, livros disponíveis na Biblioteca em São Sebastião, fotos e arquivos pessoas dos pioneiros. O roteiro deve não somente buscar captar os fatos conhecidos, mas especialmente aqueles nebulosos, ou com lacunas de entendimento.

**O contato com o informante:** O contato com os entrevistadores deu-se de forma amigável, onde que eles permitiram abrir uma roda de conversa em sua propriedade. Estabeleceu-se um diálogo aberto e livre e um lanche da tarde, com todas as pessoas que estavam no ambiente.

**Produção do material:** Foi gravado um vídeo no dia 16 de novembro com duração de 30 minutos e 04 segundos, em uma produção audiovisual realizada pelo “Sebas Turística”.

#### 4 EXPOSIÇÃO DAS NARRATIVAS DO CASAL DE OLEIROS

Figura 12 - Leontina Caldeira Soares e Antônio Soares Ferreira



Foto: Sebas Turística

Na busca por resgatar as memórias dos pioneiros trabalhadores das olarias e cerâmicas de São Sebastião por meio de uma Trilha Turística que resgate os sujeitos históricos e os lugares de memória, utilizei o Turismo como uma ferramenta



agregadora de Cidadania. Ressalto que a História Oficial privilegia determinados fatos sociais hegemônicos, invisibilizando as memórias dos sujeitos que estavam envolvidos, tais como operários na construção de Brasília e principalmente a mulher negra. Indico que a minha escolha desse tema é também ressaltar a importância da reconstrução da Cultura Negra em São Sebastião como recorte territorial desse trabalho.

A Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN) em sua pesquisa indica que a população negra representa 56,2% da população das cidades Estrutural, Fercal e São Sebastião (2016). A escolha em falar sobre a mulher negra exalta a importância de dar voz àquelas que se encontram na base da estrutura da pirâmide social, como diz Angela Davis (2017): “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”<sup>21</sup>. E ao dar voz àqueles que foram silenciados, é uma forma de dar visibilidade ao que sentiram na pele como foi o processo para construir a capital dos “sonhos”. Enquanto uns eram privilegiados, outros lutavam em busca de algum tipo de conforto na poeira do cerrado. Dona Leontina e seu Antônio uniram-se e fortaleceram-se para conseguir resistir ao tempo e ao trabalho pesado. Ela com 14 anos de idade, vinda de Unaí - MG, e ele com 18 anos, vindo de Patos de Minas - MG. Tiveram sete filhos e até hoje moram na mesma região, onde ganharam por doação a propriedade na qual eles residem e trabalham. A renda da olaria serve para sustenta-los e ajudar toda a família, já que o modo de produzir os tijolos artesanalmente foi passado de pai para filho.

Clifford Geertz, em seu livro *A interpretação das Culturas*, traz o conceito de cultura como uma teia de significados tecida pelo próprio homem (partindo das ideias de Weber) em contraponto ao “todo complexo” da teoria estrutural funcionalista. Desta maneira, o estudo sobre a cultura “não como uma ciência experimental em busca de leis gerais, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (1926, p. 4). Logo assim, para tornar esse conceito mais interpretativo Geertz sugere uma descrição densa dos fatos sociais, interpretar e elaborar uma leitura da leitura que os nativos/pioneiros fazem da própria cultura.

---

<sup>21</sup> Trecho retirado da plataforma online Vivenciando Turismo, com conteúdo voltado para o empreendedorismo e *branding* pessoal, através de histórias, dicas e ideias que despertam *insights* em estudantes de turismo e turismólogos. Nasceu em 2012 para fazer você pensar, criar e vivenciar o turismo.

Através das reflexões de Geertz, fazer uma descrição densa das histórias orais de vida de Dona Leontina Caldeira Soares e Antônio Soares Ferreira é interpretar e elaborar a leitura que os pioneiros fazem da cultura em São Sebastião. Em levantamentos feitos no Arquivo Público do Distrito Federal – ARPDF, os materiais escritos sobre São Sebastião e os documentos analisados que não registram alguns relatos do casal, sugerem a existência de memórias subterrâneas na História Oficial. Por isso a importância de novos estudos para reconstrução das memórias de São Sebastião faz-se necessário, mostrando a relevância do objetivo geral dessa pesquisa.

Dona Leontina tem 62 anos tendo nascido em 1955. Chegou a São Sebastião em 1969. Veio para trabalhar nas olarias e cerâmicas da região. A narrativa de Dona Leontina comprova a tese, através da pesquisa histórica, que foi uma dos diversos pioneiros que se instalaram nas margens do rio São Bartolomeu, trabalhando com dragas que retiravam a areia para as construtoras que trabalhavam na construção de Brasília.

No encontro realizado em São Sebastião no dia 16 de novembro de 2017, no mês da Consciência Negra, fomos com um grupo de mulheres do *HUB das Pretas*<sup>22</sup> até a olaria de Dona Leontina. Ela estava bem alegre e nos sentamos em círculo em volta dela. Me chamou de abençoada e só começamos a conversa após ela dar boa tarde para todo mundo e dizer amém.

Sou mineira... e hoje... tô aqui, hoje... Vir de Minas para cá com 14 anos de idade e tô nesse setor aqui, desde os quatorze anos, muitas lutas, muitas dificuldades, viemos para cá para trabalhar. Meu pai trabalhava em cerâmica, aí foram com o caminhão buscar o povo para trabalhar para construir Brasília, né? A gente veio trabalhar aqui nesse lugar e aqui eu estou até hoje, mexendo com olaria/cerâmica (SOARES, 2017)<sup>23</sup>.

Dona Leontina nos conta sua história com calma e humildade, sentada na cadeira e unindo as mãos. Porém podemos sentir pela fala que a sua história foi de muita luta e resistência. Por isso, ela fala calmamente. Fala orgulhosa que trabalhou com barro e argila e afirma que esse modo de produção é artesanal:

---

<sup>22</sup> O "Hubdaspretas/DF" faz parte de uma iniciativa de diversas organizações não governamentais, e está ligado ao projeto "Mulheres negras fortalecidas na luta contra o racismo e o sexismo", por meio do qual será incentivada a formação de *hubs* de mulheres jovens negras em 4 cidades: Brasília, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.

<sup>23</sup> Trecho transcrito da fala de Dona Leontina, durante roda de conversa realizada dia 16 de novembro de 2017, em São Sebastião.

Trabalhei com argila, artesanato né? Há muitos anos...30 anos há mais de trinta anos, estamos mexendo com artesanato...e quando vir de lá para cá, nem pensava que iria ficar, que a gente não acostuma fácil, né? Mas chegou aqui, plantamo aqui e tamu até hoje. Me casei, tenho sete filhos, e continuo na mesma área de serviço até hoje, trabalhando com barro, argila, já há muitos anos (SOARES, 2017).

Em determinado momento em sua fala, Dona Leontina nos leva a crer que foi uma realidade muito difícil. Ao deparar-se com a construção de Brasília, um local isolado, sem nenhuma infraestrutura, e ela sabia que aqui seria um local de muita luta:

(...) e... chegamo aqui a história era totalmente diferente, era um lugar deserto, não tinha ônibus não tinha nada, só caminhão mesmo, “carona de caminhão”. Pegava os caminhão cheio ia para Brasília, fazia compra pegava o caminhão de volta, era muita poeira...era muita poeira mermã da 23 pra cá era só poeira e estrada de chão até chegar aqui. Não tinha asfalto era tudo poeira, quando mudei pra cá. Cerradão! Isso aí tudinho era cerrado (SOARES, 2017).

**Figura 13 - Caminhão leva operários para construir a futura capital, 1958**



**Foto:** Mário Fontenelle/Arquivo Público do DF

Sobre a Fazenda Papuda Dona Leontina continua narrando sobre o fato, lembrando que, pela pesquisa histórica, as terras em que hoje se assenta São Sebastião pertenciam às fazendas Papuda, Cachoeirinha e Santa Bárbara. Dona Leontina confirma essa tese, de uma forma bem enfática. Gesticulando muito com

as mãos, fala também sobre o preconceito sofrido por essa região ao ser chamada antes de Papuda, se referindo ao Complexo Penitenciário da Papuda:

Aqui era um lugar conhecido... povo não dava valor, porque o nome era Papuda. Cê falava que morava na Papuda: Cê é presa?! Não, eu não sou presa (respondia ela), moro na área da Papuda, a gente trabalha lá, né? Então era desse jeito. Quando a gente ia pegar o ônibus do Paranoá, até a 23 para pegar carona. Era tudo Papuda (SOARES, 2017).

Ao falar dos escravos que existiam aqui, Dona Leontina afirma com um tom de voz elevado e dirige-se à minha pessoa dizendo que havia comentado comigo, e as integrantes do *Hub* das Pretas ficam atentas à narração. Nessa fala ela gesticula com as mãos e aponta o local onde havia resquícius desse período:

Antes de nós chegar tinha até escravo, tinha.. eu que eu já comentei com ela. Tinha tronco de amarrar gente lá do outro lado daquela ponte (se refere ao bairro Vila Nova), eu cheguei a ver aquelas estacas de aroeira, aquelas aroeiras bem forte... onde ele colocavam, algemavam... Aonde eles colocavam e algemavam. Muita coisa acontecia aqui... Papuda, por causa das três papudas que eram donas dessa região toda aqui, era três beatas "papudas". Aqueles papo cobrindo né, de corda né, e ai ficou com o nome de Papuda, a região toda, por causa disso. Hoje tem o córrego Papuda, que desce da Papuda (presídio) para cá. Aí ficou com esse nome, era muito difícil na época, muito difícil mesmo (SOARES, 2017).

**Figura 14 - Resquícius da escravidão no DF, passando por Luziânia, onde a área da Papuda se situou.**



**Fonte:** Relatório Final: A Verdade Sobre A Escravidão Negra no Distrito Federal e Entorno

Dona Leontina lembra em detalhes das olarias e cerâmicas que se instalaram na sua região. E destaca a diferença entre olaria e cerâmica. A olaria produz tijolos artesanais para atender a uma demanda específica, enquanto a cerâmica produz tijolos em larga escala e depende de um grande maquinário.

**Figura 15 - Olaria Vereda – Donizete, filho de Dona Leontina, e Seu Antônio amassando o barro**



**Foto: Sebas Turística**

**Figura 16 - Cerâmica Nacional – Vila do Boa**



**Fonte:** Sebas Turística

Dona Leontina lembra em detalhes das cerâmicas e olarias que havia na região. Ao narrar esse fato ela conta nos dedos o nome dessas propriedades:

Tinha sete olarias e sete cerâmica... na época. Era São Juda, a Falu, a Formosinha, a arte, a cerâmica São Paulo, a nacional, a Stil, e a gaiapó, era sete ou era oito. E a São Jorge e São Judas. Eram umas oito cerâmicas, que tinha aqui. Ai ficou as olarias, cerâmica da benção, cerâmica São Paulo, Então era tudo cerâmica por aqui e olaria. Era o que tinha para trabalhar aqui, era isso (SOARES, 2017).

Com firmeza a narradora afirma de fato que a zona de votação de São Sebastião era em Luziânia. Esse relato confirma a tese do relatório Cruls, que relata que antes São Sebastião pertencia a Luziânia:

Não tinha ônibus, ai nós fomos votar em um candidato em Luziânia, naquele época só os grandes votava, os grande né? Cês sabe a gente não votava. Ai a gente foi votar em Luziânia, em um candidato daqui, um vereador. E ele iria trabalhar lá. Era o Paulo Guaraciaba, chefe da TCB (Transportes Coletivos de Brasília). Ai ele falou: “Se vocês votar eu prometo colocar ônibus”. Ai faltavam uns quinze dias para a eleição e os ônibus voltaram a rodar. Era o bandeirante três vezes ao dia, se perdesse vinha de a pé. Do bandeirante aqui! Dona leontina disse que perdeu um filho quando veio do bandeirante até São Sebastião de pé (SOARES, 2017)<sup>24</sup>.

Dona Leontina afirma que São Sebastião é um celeiro de diversidade quando narra a diversidade de pessoas que aqui vieram para atender à demanda da construção civil e para erguer Brasília. “Veio cheio de todo canto, Maranhão, Piauí, Ceará, Minas Gerais, Goiás, gente de tudo quanté canto, veio para cá para trabalhar” (SOARES, 2017).

E a narradora fala da dificuldade que os moradores tinham para estudar, pois havia duas escolas na cidade. Diz da luta que muitos enfrentavam para ir estudar, afirmado a pesquisa que mostra que grande parte dos moradores de São Sebastião possui o ensino fundamental:

E as escolas que tinha era escola da benção e escola São Paulo. E uns iam estudar no Dom Orione<sup>25</sup> saia 5 horas da manhã daqui de pé, pegava carona lá em cima para ir para a escola, meus sobrinhos se formou assim. Hoje eles são todo policial, se formaram dessa maneira (SOARES, 2017).

Narra também sobre a dificuldade de acesso à saúde e com tristeza afirma que havia doenças que não poderiam esperar: “E na época tinha um médico de

---

<sup>24</sup> Trecho retirado de outra gravação, onde Dona Leontina conta que, em uma dessas caminhadas do Núcleo Bandeirante a São Sebastião, ela perdeu um filho.

<sup>25</sup> O Instituto Dom Orione que se localiza na QI 15 do Lago Sul.

quinze e quinze dias ia consultar o povo. Em clube de pau a pique, aí lá a gente ia consultar lá, mas tem doença que não pode esperar” (SOARES, 2017).

Afirma que a região era rica em água, que tinha muitos peixes, eleva o tom de voz e fala: “e aqui era tudo água, tudo cheio de peixe, traíra, pegava traíra aqui oh, esse lugar que a gente mora tudo era lagoa. Era nascente de água para todo canto, secou tudo. Era muita água que tinha aqui” (SOARES, 2017).

A narradora lembra e suspira contando que em Minas Gerais a situação era bem pior. Através dos gestos entendemos que mesmo com as dificuldades, em São Sebastião a vida era melhor, pois aqui eles chegaram já empregados:

Mas a gente veio de uma luta travada em Minas, eu passei muita fome e acordava cedo para trabalhar na roça, e muitas das vezes já peguei em cobra. Dormia usando saco, era uma vida muito sofrida, até chegar em São Sebastião que já melhorou um pouco. Aqui a gente já veio empregado, então a vida começou a mudar a partir daí. Eu, vou ser sincera para vocês, lá em Minas a gente lá era escravo, meu pai trabalhava a troco de uma vasilha de arroz e um pedaço de rapadura e um pouquinho de café... não tinha moradia lugar onde morar, era aqui e aculá, em uma casa e outra, e nem para estudar a gente tinha condições de estudar (SOARES, 2017).

A narradora enfatiza sobre os vários papéis que ela desempenha e desempenhou na época. Como ela veio acompanhando a família, desde cedo trabalhou como babá, lavadeira, empregada doméstica e cita seu Amerco, seu compadre que a ajudou nesse período:

Eu lavava roupa dos peões que vinha trabalhar, eu pegava as roupas para lavar e passar e ganhava meu trocadinho de quinze e quinze dias. Eu era criança mesmo com quatorze anos de idade aqui, assumir a responsabilidade da casa. Vi cuidar da casa... Seu Amerco que era meu cumpadi... eu ajudei a esposa do Amerco a cuidar das meninas, porque não tinha ninguém para cuidar, era adolescente...e ela com aquela “peleja” com aquele tanto de menina, ai eu ajudava ela a cuidar das meninas...cuidava como se fosse minhas irmãs, minhas filhas pequenas (SOARES, 2017).

Dona Leontina relembra também que seu Antônio apareceu na vida dela em um momento muito delicado, já que ela havia perdido seus pais: "aqui eu me casei... Meu pai e minha mãe faleceram aqui, eu me casei aqui com o Antônio, e to aqui até hoje... Nós era quatro irmão, dois faleceram" (SOARES, 2017). A narradora apresenta o seu Antônio e ele aparece timidamente do vídeo. Devido à presença de muitas mulheres, ele parece ficar com vergonha de falar naquele momento.

Dona Leontina enfatiza a dependência que havia de São Sebastião em relação ao Plano Piloto, mas depois se refere ao Núcleo Bandeirante, que na época



era o principal ponto de comércio que os pioneiros tinham para fazer compras. Ela conta essa história feliz e dando gargalhadas, pois como afirma ela, o consumo era a melhor forma de divertimento:

Tudo era no Plano, Tudo era no Plano... a gente fazia no plano e... Núcleo Bandeirante... aqui tinha pequenos armazéns, só vendia o básico mesmo, na entrada do Morro Azul (Se refere ao bairro) e hoje nem existe mais.... Aí tinha um caminhão de quinze e quinze dias, lotava de gente para levar o povo, a gente ia de caminhão fazer compra... Era maior festa! Menino num gosta né (risos), naquela época era farra! Para mim era a coisa mais boa! Ia para o Bandeirante, o mercadão era de madeira... Era tudo de madeira (SOARES, 2017).

**Figura 17 - Mercado do Núcleo Bandeirante – Na época, o prédio era de madeira e o único mercado onde os pioneiros faziam suas compras.**



**Foto:** Correio Braziliense

A narradora também diz que conseguiu sua propriedade através de doação, e lembra feliz de Doutor Lauro, ex-dono da propriedade em que ela mora até hoje: “Essa terra aqui era de um dotôr que se chamava Lauro, ele deixou para a gente, ele pagava arrendo para a Terracap. Ai ele deixou com a gente a olaria... foi embora e deixou para gente” (SOARES, 2017).

Dona Leontina afirma que os problemas de infraestrutura de São Sebastião não foram resolvidos desde aquela época, e a terra que foi tirada daqui serviu para construir cidades como Candangolândia, e os buracos persistem até hoje na cidade:

[...] e essa devastação que vocês ver, essas baixadas, tudinho!, era tirando barro para construir Candangolândia... Para construir Brasília, pegou barro

de São Sebastião todinha. Essa região pode ver que é tudo cheio de buraco. Até lá no alto... eles pegavam cascalho, areia. Lá onde é escola fazendária, tem um área ali que era só areia, você encostava lá e enchia o caminhão de areia. E ninguém procurava saber porque daquela areia (SOARES, 2017).

Dona Leontina lembra que a união, a coletividade e a empatia estiveram presentes em São Sebastião. Dessa forma, entende-se que a movimentação popular acontece desde aquela época, onde quem tinha muito dividia com o próximo, pois muitos chegavam aqui desesperados sem ter onde morar e até hoje vemos em São Sebastião que a habitação é um dos maiores problemas. E que as lideranças comunitárias sempre insistem nessa pauta, e o poder público sempre ignora. E mesmo dividindo seu lote com quem não tinha e hoje, sabendo que os filhos não têm moradia ela conta feliz, pois crê que sua atitude melhorou a vida de muitos que não tinham para onde ir:

[...] e cada um que tinha seu terreno grande! foi loteando... para construir São Sebastião... Chegava a pessoa chorando, dizendo que não tinha onde morar, a gente media o lote e dava... eu mesma não vendi eu dei. Comprei e doei de graça, "pra vê se aparecia uma melhora, né?". O meu terreno ficava na quadra 05, oh! Perto ali onde fica os bancos... onde fica um prédio preto, bem bonito de vidro<sup>26</sup>... Lá era o nosso terreno... e ali a gente foi dividindo com as pessoas que não tinha e as pessoas construir.... Agora a família cresceu e agora tem que arrumar moradia.. Eu doei, e agora tem que arrumar moradia (SOARES, 2017)

Dona Leontina reflete que não se arrepende em morar na Olaria, pois sua propriedade fica afastada do Centro de São Sebastião e onde ela mora é uma região que não tem urbanização, existem vários barracos de madeira ao redor de sua propriedade, não existe saneamento básico, e muitos moram de forma irregular, mas ela gosta do local pois ainda tem muita presença da natureza, tem lagos, e é um ambiente silencioso, pois ama estar perto da natureza e nesse local ela consegue ter sossego. Ela diz nesse relato feliz mostrando calma e paz interior:

Eu não me arrependo de viver na Olaria, porque lá tudo é mais difícil se refere a cidade( centro de São Sebastião) é muito barulho, é tiro é grito né?, e tem que pagar água e luz, é gente freando nas pistas, carro dando cavalo de pau a noite e ninguém dorme. Aqui não tem nada disso... é silêncio! Nós tamu tranquilo...Tirando um som que eles ligam lá favela (refere a favelinha que fica as arredores de sua propriedade) É muita alegria, aqui a gente é feliz, por tá morando aqui (SOARES, 2017).

---

<sup>26</sup> Hoje é a Federação Nacional dos Trabalhadores Celestistas nas Cooperativas do Brasil – FENATRACOOP, que fica na quadra 05 do Setor Tradicional.

A narradora conta que o modo de produção artesanal é passado de pai para filho e que sua família até hoje depende da olaria para pagar suas contas, ou seja, é a fonte de renda da família desde a época da construção de Brasília, e enfatiza que com as outras olarias fechando a clientela passou para ela:

Na olaria quem trabalha é o meu esposo, e três filhos, que os outros não trabalham mais na Olaria. A gente tem os compradores... o Tenente "Jarola" ele tinha uma olaria e foi obrigado a parar, que "eles" estão parando as olarias, e aí as clientelas do tenente Jarola, ele passou para a gente, a clientela dele é tudo gente que tem condição! Aí que ele fez: Ele chamou o meu esposo e passou a clientela para ele... Então a gente tem as pessoas para a gente vender, tem época que é devagar porque para as construção, né? Mas quando melhora as construções a gente tem para quem vende. E aí nos estamos aí, trabalhando, batalhando, certos que vamos vencer. Muita luta! Não falta a luta! (SOARES, 2017).

Dona Leontina enfatiza que Brasília ainda é um grande celeiro de obras, e o processo de segregação socioespacial é bastante evidente. À medida que vamos nos afastando do centro de Brasília, pequenas e novas Brasília's vão surgindo e se expandindo no cerrado de modo desenfreado e matando o nosso solo, a água e toda nossa mãe natureza. Devido ao problema de habitação que nunca foi resolvido e que quando é "resolvido", atende primeiro aos que tem um poder aquisitivo um pouco melhor. Se fizermos um recorte racial constatamos que negros estão sem habitação e vão formando favelas em todo canto. A narradora relata essa história gaguejando e rindo:

Brasília... é uma coisa que não tem fim. Construindo direto! Parece que tá aumentando mais, né? Cidade nova todo dia... Todo dia se cria uma cidade nova! Né? Uai! Direto tá se criando cidade nova, então é uma coisa incrível não para, né? Aí você pensa... agora parou!! A cidade tá grande demais... aí vem outra cidade nova... outros bairros, aí começa tudo de novo, tudo do zero de novo. E só construção... né? e tem um tanto de gente que precisa de uma moradia...Que precisa de uma moradia (SOARES, 2017).

A narradora diz que a administração da cidade não tem tomado as devidas providências e diz que quando vai até lá buscar informações eles a impedem de entrar. Ela narra essa história com um tom de voz elevado e postura ereta, após dar uma bela gargalhada e todos riem com ela, pois apesar das dificuldades ela não perdeu a fé e a força de lutar:

Administração aí, para gente não tem significado nada...e um dia eu fui lá e eles não queriam que eu entrasse. *Aí eu disse:* Quem são vocês para me impedirem de entrar aqui dentro? Nessa gaiola aqui? Eu vou entrar, eu vou falar com o administrador, queira vocês ou não eu vou entrar! Eu ajudei criar essa cidade, você que me barrar? Você chegou ontem. Mar rapaz!!!! Querem pisar na gente, porque a gente é pequeno... a gente é tão pequeno que eles querem pisar em cima, mas não pisa não, mas não pisa não. Deus, não deixa! E nos vamos lá.(risos) Eu entrei e falei o que eu precisava, e voltei para a minha casa tranquila. A gente tem os direitos da gente, tem que ter o nosso direito. Só porque a gente é pobre e humilde e vem de uma descendência discriminada, que poucos ver, mas Deus está nos vendo, nós temos autoridade de Deus para falar. E nos fala! E vamos lá, vamos em frente e consegue! Oh Deus! (SOARES, 2017).

Dona Leontina confirma a tese de que no período em que São Sebastião se chamava Agrovila o contrato de arrendamento de terras entre os comerciantes e a Fundação Zoobotânica tinha data de ocupação para uma posse por 30 anos. Com a expiração dos contratos de uso na área ocupada pelos comerciantes, começou a ser feita a instalação da Proflora (figura 18), na época um programa de reflorestamento das áreas destruídas, e por isso vários pés de Eucalipto foram plantados aqui, o que ocasionou secamento das nascentes, pois eles puxam muita água. Tem duas teses explicando o motivo das plantações nessa região. Pode ser que era para evitar a invasão de muitos daqueles que não tinham moradia ou para enxugar a água do solo já que aqui era uma região de veredas e possuía muita água. Hoje esses eucaliptos estão sendo derrubados, pois tem uma proposta de construir bairros novos em São Sebastião, tais como o Nacional e o Crixá:

Cortaram os eucaliptos para construir. Foi um movimento, já grande eles cortaram para construir. ...Aí eles derrubaram para depois construir casa. Eu acho que foi por isso que secou as águas, irmã! O Eucalipto puxa muita água. Porque antes não era assim, tinha água demais. A água sumiu, o córrego tá bem fraquinho e poluído minha filha (SOARES, 2017).

**Figura 18 - Karlinha Ramalho passeando pela aguilhada, um bairro de São Sebastião, onde a ruralidade ainda é presente e a plantação dos eucaliptos se faz evidente**



**Foto: Sebas Turística**

Dona Leontina afirma que a escolha do nome da cidade se deu através de Tião Areia, um líder comunitário extremamente importante para a cidade de São Sebastião, um guardião de memória que acreditou na cidade e resolveu ficar, fez fortuna, mas hoje vive humildemente com a sua família em um sítio nas proximidades de São Sebastião. É um senhor alegre, calmo e fica super feliz em contar a sua história na praça Tião Areia que fica no centro da cidade. Ela narra também que os primeiros bairros da cidade são nomeados por causa dos pioneiros, e conta feliz sobre a grande movimentação de constituição da cidade:

**Figura 19 - Jornada de Aprendizagem com Tião Areia na praça que existe no bairro Centro em sua homenagem**



**Foto:** Sebas Turística

Chegou muita gente, tinha nós, tinha o Tião Areia né? Muita gente que veio para trabalhar na cerâmica. E já começou a adquirir seus cantos, tinha muitos moradores... E São Sebastião, tem esse nome por conta do Tião Areia, ele foi o primeiro a começar a lotear.. e ficou São Sebastião por conta dele. E igual lá na Vila Nova, bairro 25, bairro João Cândido, tem um bairro chamado João Cândido, por conta do primeiro pioneiro de lá, (sogra do Tião Areia) pegou o nome dos antigos do local. Ali onde eu morava chamava Vila dos Crentes (Atual Setor Tradicional). Foi tanto irmão que comprou lá. Sabe, e virou aquele tanto de irmão. O irmão Sanito que loteou o setor Tradicional (quadras 5, 7, 9) era só evangélicos, não tinham onde morar...Vila dos Crentes – Atual Setor Tradicional (SOARES, 2017).

Timidamente aparece seu Antônio na conversa. Envergonhado ele vai soltando devagarinho pequenos trechos de como foi sua vinda para São Sebastião, já que Dona Leontina pede para ele falar. Ela pergunta para ele porque ele veio para cá, qual foi o sentido de ter vindo para São Sebastião, e ela diz que já falou o sentido dela, pois o pai dela veio trabalhar. E enfatiza que a nossa vida é um mistério, que a gente nem sabe para onde vai e nem o que vai fazer.

**Antônio:** *Ah, eu vir trabalhar... Eu vir eu tinha 18 anos, agora tô com 70. Só que eu não fiquei né? Eu voltei pra Patos, fiquei lá uns tempos... Em 70 que eu vir e fiquei definitivo, em 71 eu casei com ela...(Se refere a dona Leontina).*

**Dona Leontina entra na conversa:** *Nós namorou uns três meses, só quatro e casou...Só Deus né irmã? (risos) Porque eu não conhecia ele, e ele não me*

conhecia. Seu Amerco que era meu cumpadi me apresentou para ele, eu ajudando a esposa do Amerco a cuidar das meninas, porque não tinha ninguém para cuidar, era adolescente... e ela com aquela "peleja" com aquele tanto de menino, ai eu ajudava ela a cuidar das meninas... cuidava como se fosse minhas irmãs/minhas filhas pequenas. Cuidava demais das meninas, aí foram crescendo eu batizei duas, ai foi esse homem que apresentou (se refere ao Amerco): "Essa é comadre Leontina, essa moça morou com a gente um tempo", ai apresentou para ele, daquele dia em diante nós começou a conversar. Pronto! Três dias depois nós já tava namorando, quando chegou três meses nós já tava programando para casar. (risos) Estamos juntos até hoje né Aline? Creio em Deus que será até o fim! Eu tinha 16 anos, e se Antônio responde que tinha 24. Foi um casamento bem rápido, porque eu não tinha mãe né? (Dona leontina passa a mão na cabeça e fica triste) e meu filho mais velho tem 47 anos. Nós vive nos planos de Deus!

**Seu Antônio entra na conversa e diz:** *A gente vem para cá, porque é o destino da pessoa, não é porque a gente quer totalmente. (diz isso triste, e não querendo olhar para a câmara).*

*Dona Leontina, Lembra do irmão que veio para trabalhar, e desapareceu, conta com tristeza:*

**Dona Leontina:** *Considero falecido, porque desapareceu a gente procurou e nunca mais encontrou. Nunca tivemos notícia dele mais irmã! Mas ele chegou a vir aqui, trabalhar um tempo... e saiu para trabalhar com um amigo, na cerâmica de Santa Maria, do gama lá, e desapareceu....Isso tem uns 30 anos quando a Míriam nasceu, e nós procurou irmã, e ninguém achou...*

*Com esse relato da narradora, fica evidente que existiram outras olarias e cerâmicas em outras regiões administrativas de Brasília e que inclusive alguns desses trabalhadores sumiram, que foi o caso do irmão dela, mas seu Antônio entra na conversa e cita que ele estava apaixonado e talvez tenha ido atrás de uma mulher:*

**Seu Antônio entra na conversa e diz:** *Tinha! Ele tinha um rabo de saia por ai (risos)... Ele tinha essa namorada do Piauí, e ela foi embora...e ele foi no Gama mais um colega dele, e lá o amigo dele tinha uns parentes que morava no Gama, e por isso que eu penso...que ele foi para o Piauí, mas antes foi assim que ele pode voltar...*

**Dona Leontina:** *Ele bebia muito, dessa época para cá ele sumiu... Eu só tenho uma irmã agora, só tenho uma... (triste).*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da roda de conversa que aconteceu na propriedade do casal de oleiros foi possível reconstruir alguns fragmentos da memória de suas vidas como pioneiros que em 1955 chegaram para a construção de Brasília. Para tanto, foi utilizada a técnica de história oral de vida.

Com os relatos do casal foi possível entender como seu deu o processo da constituição de Brasília, dando destaque às questões ligadas às suas memórias enquanto trabalhadores de olarias e cerâmicas em São Sebastião, ressaltando a voz da mulher negra e, além disso entender o papel fundamental do Turismo como uma ferramenta agregadora de cidadania e possibilitadora de encontros em São Sebastião através do projeto Sebas Turística.

Sobre uma trilha onde a pesquisa aconteceu como uma “viagem” em que vai se delineando mais nitidamente o processo que se estabelece como um caminho novo, que vai sendo tecido no próprio movimento da pesquisa, deve ser seguido, mesmo que não tenha sido previsto, um caminho alternativo para a pesquisa ser realizada através da abordagem qualitativa.

Essa pesquisa trabalhou com a subjetividade do fenômeno social que é a memória do casal. Através da reconstrução de suas memórias foi elaborada por meio da técnica da história oral de vida, constituída de uma fala em uma roda de conversa descontraída com o casal de oleiros. Exaltou-se que existem diversas possibilidades de interpretações e caminhos a explorar, levando as discussões à visão multidisciplinar capaz de abordar variadas perspectivas do assunto.

A construção de Brasília possibilitou vários encontros de pioneiros de todas as regiões do Brasil. Essa rica cultura ainda não foi contada de forma devida, pois através dos documentos oficiais ainda é nítida a presença de uma história única que valoriza determinados sujeitos e invisibiliza a grande maioria deles. A proposta dessa pesquisa é trazer à tona a percepção de muitos moradores de Brasília sobre o modo de ser e estar que são vivenciados de uma forma diferente do que é retratado na mídia, e não mais esconder o buraco social que permeia a nossa sociedade. Falar a verdade ainda é um pouco difícil, porém nota-se que apesar das dificuldades muitos dos pioneiros resistem bravamente e até hoje estão na busca de um sonho que ainda não foi realizado.



Esse trabalho compõe o registro dos fatos e das experiências do casal de pioneiros a partir de suas vivências nos celeiros de obras que ainda se constituí em Brasília, não só para as reflexões sobre o lugar e sobre as mudanças ocorridas ao longo dos anos, mas também para identificar temáticas contextualizadas, com significado social e histórico e ainda permitir que seja compreendida a história do nosso lugar, a qual é muitas vezes desvalorizada por nós mesmos, para que sejam preservados para as gerações futuras e usufruídos por aqueles que não fazem parte de uma periferia.

Verificou-se que os fragmentos de memória do casal entendidos como uma linguagem foi capaz de exprimir a história oral de vida dos pioneiros e do grupo no qual estavam inseridos, transformando-a em uma narrativa da memória social coletiva onde o outro é fundamental, pois a memória, por mais pessoal que seja, ainda assim remete a um grupo. (HALBWACHS,1990).

Por meio dos relatos das histórias de vida do casal foi possível interpretar antropologicamente as narrativas transcritas das respectivas memórias de suas histórias orais de vida. A análise das dimensões socioculturais presentes nos discursos através das experiências das suas vivências e percepções de como se deu o processo da construção de Brasília, sendo pioneiros de São Sebastião, nos fez compreender como tais aspectos influenciam seus modos de ser e estar em São Sebastião ao longo de suas vidas e como estas vivências fazem com que eles ainda trabalhem com a produção artesanal dos tijolos maciços.

A partir das narrativas podemos compreender as suas vivências como fatos marcantes na reconstrução de suas trajetórias como guardiões de memória de São Sebastião e entender o papel da mulher negra nesse processo, pois seu protagonismo ainda é ocultado nas fontes oficiais. É possível constatar que a chave da história da cidade se encontra com a sabedoria popular e esse é o nosso maior patrimônio. As condições de vida que encontraram aqui e a geografia do local afetaram diretamente o modo de viver e, conseqüentemente, os levaram à adaptações que provocaram mudanças na vida deles.

A análise de suas histórias orais de vida fomenta a discussão sobre os lugares de memória das regiões administrativas do Distrito Federal, entendendo que a olaria artesanal do casal de pioneiros é um local onde está revivida e ritualizada as lembranças numa tentativa de tornar viva a memória de algo importante e identitário socialmente, principalmente no que diz respeito ao protagonismo dessas vozes

sufocadas pela história única que valoriza alguns indivíduos e invisibiliza outros que fizeram parte desse grande celeiro de obras.

Este trabalho demonstrou que há um vasto campo de possibilidades para estudos antropológicos, exaltando a experiência de vida de muitos pioneiros que participaram e ainda participam da interminável construção de Brasília. Aconselha-se a continuidade do estudo e do conhecimento sobre a memória de outros pioneiros, onde a memória viva se faz presente no Distrito Federal, por ser uma região nova aguarda o afloramento de muitas dessas memórias subterrâneas que estão escondidas na diversidade de regiões administrativas. Essa grande teia de significados compreende o todo da nossa complexa cultura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Mara de Fátima dos Santos. **São Sebastião-DF: do sonho à cidade real**. 2009. 140 f. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale, Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**. jul-set, 2014. Disponível em: <<http://ucs.br/revistarosadosventos>> Acesso em 14 nov. 2017.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. 2 ed. São Paulo: Papyrus, Coleção Turismo, 2000.

BERTRAN, Paulo. **História da Terra e do Homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

BORBA, Vinicius. **Fora da Ordem – Poesias e diagramação: Vinicius Borba**. 1ª ed. São Sebastião. Brasília: 2015.

CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) – São Sebastião**, 2016. Disponível em <[http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa\\_socioeconomica/pdad/2016/PDAD\\_Sao\\_Sebastiao\\_2016.pdf](http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2016/PDAD_Sao_Sebastiao_2016.pdf)>, acesso em maio de 2016.

FRANCISCO, Gethúlio. Do pó aos bilhões, Série Correio Braziliense, Disponível em <<http://www.blogmorroazul.com.br/2012/12/do-po-aos-bilhoes.html>> acesso em: 12 dez. 2012.

GARCIA-FILICE, Renísia C., LEITE, Cristina C. **O ensino de história a geografia do DF: Percalços e percursos de uma única história chamada Brasília**. Revista História e Diversidade. UEMS, 2015

GASTAL, Susana, MOESH, Marutscka. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Apeph, Coleção ABC do Turismo, 2007.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas da Sociologia**. 3 ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 1992. 224p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. França, Paris: 1968

LE GOFF, Jacques. História e Memória; 1924 tradução Bernardo Leitão [et al.], Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 1990

Mapa das desigualdades, Nossa Brasília lança Mapa das Desigualdades do Distrito Federal. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MESQUITA, Évellin Lima. **Ceilândia**: Patrimônio territorial e turismo. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Turismo – Universidade de Brasília. Brasília, 2016

NORA, Pierre. **Entre memória e história** – a problemática dos lugares – Pierre Nora, Projeto História, São Paulo, 1993.

Portal Proteger LZA – Proteção Civil do Patrimônio Histórico, Luziânia – GO/ Museu da Memória de Luziânia. Fazenda Papuda. Disponível em <<http://museudaong.blogspot.com.br/2015/03/fazenda-papuda.html>> Acesso em: 30 mar. 2015.

Portal Vivenciando Turismo. Disponível em <<http://vivenciandoturismo.com/protagonismo-com-aline-karina-e-karlinha-ramalho-do-sebas-turistica/>> Acesso em: 30 nov. 2017

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. 1986.

SEABRA JUNIOR, Mauricio. **Memórias do barro**. Brasília, 2012,

SOARES, Leontina Caldeira. **Depoimento** [nov. 2017]. Entrevistador: Aline Karina, São Sebastião, 2017. 1 arquivo .wmv (30 minutos).

## REFERÊNCIAS IMAGÉTICAS

Mapa de São Sebastião, Papuda e Taboquinha. Disponível em <[http://www.cejb2.com.br/cejb2/index.php?option=com\\_content&view=category&layout=blog&id=36&Itemid=32](http://www.cejb2.com.br/cejb2/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=36&Itemid=32)> Acesso em 30 out. 2017.